



I Congresso Internacional
Rede Brasil-Ricœur
Identidade e Hermenêutica crítica

CADERNO

DE RESUMOS

I Congresso Internacional REDE BRASIL-RICŒUR:
Identidade e hermenêutica crítica
De 14 a 16 de agosto de 2023
UNICAMP, Campinas/SP, Brasil

**CADERNO
DE
RESUMOS**

**São Paulo
2023**

I Congresso Internacional REDE BRASIL-RICŒUR:
Identidade e hermenêutica crítica
De 14 a 16 de agosto de 2023
UNICAMP, Campinas/SP, Brasil

CADERNO DE RESUMOS

Vol. 1, N. 1, Agosto de 2023

REDE BRASIL-RICŒUR

Presidente: Andrés Bruzzone (Rede Brasil-Ricœur)
Vice-Presidente: Roberto Roque Lauxen (UESB)

**Presidente da Comissão Organizadora do
I Congresso da REDE BRASIL-RICŒUR:**

Cristina Henrique da Costa (UNICAMP)

Comissão Científica:

Cláudio Reichert do Nascimento (UFOB)
Cristina Henrique da Costa (UNICAMP)
Cristina Amaro Viana (UFAL)
Esteban Litgoe (UBA)
Fernando Nascimento (Bowdoin College, EUA).
Francisco Díez Fischer (UCA)
Helio Salles Gentil (USJT)
Manoel Coracy Saboia Dias (UFAC)
Noeli Rossatto (UFMS)
Patrícia Lavelle (PUC-Rio)
Roberto Roque Lauxen (UESB)
Weiny César Freitas (UFMS)

**Comissão Organizadora do
I Congresso da REDE BRASIL-RICŒUR:**

Andrés Bruzzone (Rede Brasil-Ricœur)
Cláudio Reichert do Nascimento (UFOB)
Cristina Amaro Viana (UFAL)
Lorena Schalken (UNAMA)
Roberto Roque Lauxen (UESB)
Manoel Coracy Saboia Dias (UFAC)
Walter Salles (Rede Brasil-Ricœur)
Weiny César Freitas (UFMS)

Realização:

Rede Brasil-Ricœur
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-
UNICAMP)

Organizadores do Caderno de Resumos:

Cristina Amaro Viana (UFAL)
Lorena Schalken (UNAMA)
Roberto Roque Lauxen (UESB)
Adriane da Silva Machado Möbbs (BEMAKER)

Apoio:

FAPESP
PPG Teoria e História Literário UNICAMP
BEMAKER,
Fonds Ricœur,
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-
UNICAMP)
PYXYS,
Rede Brasil-Ricœur

C74

I Congresso Internacional Rede Brasil-RICŒUR: identidade e hermenêutica crítica.

Caderno de resumos vol. 1, n. 1. De 14 a 16 de Agosto de 2023./ Org: Cristina Henrique da Costa...[et al.] - - São Paulo: Unicamp, 2023.

1. Hermenêutica. 2. Caderno de resumos - I Congresso Internacional Rede Brasil-RICŒUR. 3. Paul Ricœur. I. Rede Brasil-Ricœur. II. UNICAMP. III. Costa, Cristina Henrique da. IV. T.

CDD: 121.68

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
PARTE I: CONFERÊNCIAS	09
Beatriz Eugenia Contreras Tasso. <i>La arquitectura dialógica de la identidad humana en Paul Ricœur: implicancias éticas y políticas</i>	09
Paula Andrea Dejanon Bonilla. <i>Hacia una posible re-construcción de la identidad Latinoamericana: Memoria, narración y reconocimiento</i>	09
Jean-Luc Amalric. <i>Quando Ricœur se encontra com Viveiros de Castro</i>	10
Ernst Wolff. <i>Philosophie de la libération versus l'herméneutique? Le « débat » Dussel-Ricœur et sa signification contemporaine</i>	11
Vincent Davy Kacou. <i>Desorientação como uma modalidade histórica de toposidade significativa</i>	12
Jeanne-Marie Gagnebin. <i>As armadilhas da identidade</i>	13
PARTE II: MESAS-REDONDAS	15
Mesa 1: Filosofia, Teoria literária, literatura: a mediação impossível?	15
Cristina Henrique da Costa. <i>Teoria literária e filosofia: uma colaboração nada simples</i>	15
Hélio Salles Gentil. <i>Totalidade e continuidade na obra narrativa a partir de Paul Ricoeur: o desafio do mundo contemporâneo na escrita de Paloma Vidal</i>	15
Jean-Luc Amalric. <i>Filosofia, teoria literária, literatura: a mediação imaginativa</i>	16
Mesa 2: Paul Ricœur e decolonialidade em perspectiva brasileira	16
Cristina Amaro Viana. <i>Uma identidade brasileira? Alguns desafios para a construção de uma narrativa nacional à luz da hermenêutica crítica de Ricoeur</i>	16
Fernando Nascimento. <i>Metáforas Digitais</i>	17
Weiny César Freitas. <i>Descolonizando a “decolonialidade” com Ricœur e Freud</i>	18
PARTE III: MINICURSO	18
Cristina Henrique da Costa e Jean-Luc Amalric. <i>Ferramentas Ricœurianas úteis na perspectiva interdisciplinar: símbolo, conflito de interpretações, hermenêutica crítica, metáfora, identidade narrativa, cogito partido</i>	18
PARTE IV: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA	19
Eixo: Ação, linguagem, narrativa e identidade	19
Maria de Nazareth Malcher. <i>Hermenêutica da linguagem e da ação no discurso clínico</i>	19
Caroline Fanizzi. <i>O professor readaptado e a desnarrativização da sua experiência</i>	20

Denizart Busto de Fazio. <i>Habitar mundos estranhos a nós: uma ideia de educação a partir de Ricœur</i>	21
Leonardo Magalde Ferreira. <i>Dos limites do conceito à imensidão da metáfora: Linguagem e realidade em Nietzsche e Ricœur</i>	21
Manuel Prada Londoño. <i>Configuración de identidades narrativas en el uso de redes sociales</i>	22
Thiago Miranda dos Santos Moreira. <i>A dimensão narrativa da docência no contexto da escola pública</i>	23
Victor Fermino da Silva. <i>O tempo na narrativa de Leopold Bloom: uma leitura de Ulysses pela perspectiva de Paul Ricœur</i>	24
Vitor Hugo Reis Costa; Alexandra Dias F. Tedesco. <i>A força silenciosa do enredo: um olhar bourdieusiano sobre o conceito ricoeuriano de identidade narrativa</i>	24
Eixo: Estudos da religião e Filosofia	25
Arlindo José Vicente Junior. <i>Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? ”. Discurso, silêncio e a narrativa da Igreja Católica em Auschwitz: a lamentação como prece</i>	25
Donizete José Xavier. <i>A linguagem religiosa e a poética da existência</i>	26
Frederico Soares de Almeida. <i>O homem capaz e a religião a partir da filosofia de Paul Ricœur</i>	27
Eixo: Ética, política e reconhecimento	27
Geison Amadeu Loschi. <i>A educação como experiência recíproca de reconhecimento: contribuições da antropologia filosófica Ricœuriana para a filosofia da educação</i>	27
José Aguiar Nobre. <i>Imaginação e ética no pensamento de Paul Ricœur</i>	28
Letícia Marlene dos Santos Figueiredo. <i>A analogia do reconhecimento em Paul Ricœur com a relação pesquisador-colaborador em pesquisas qualitativas</i>	29
Manoel Coracy Saboia Dias. <i>Primeiros esboços de uma filosofia política ricœuriana</i>	30
Ellen Karoline Silva da Silva; Maria de Nazareth Malcher. <i>Processo do reconhecimento de Paul Ricœur e analogias no campo da saúde mental</i>	31
Ozeli Oliveira dos Santos. <i>Violência no falar político a partir de Paul Ricœur</i>	31
Paulo Gilberto Gubert. <i>A assimetria e os estados de paz em Ricœur</i>	32
Vinícius Oliveira Sanfelice. <i>Imagens na interpretação: Ricoeur e uma hermenêutica da imagem</i>	33
Eixo: Fenomenologia e Hermenêutica	33
Bruno Fleck da Silva. <i>A subjetividade criadora e a convicção: a sabedoria prática entre Husserl e Ricœur</i>	33
Caetano da Providência Santos Diniz. <i>Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na hermenêutica de Paul Ricœur</i>	34

Ellen Karoline Silva da Silva. <i>O processo do reconhecimento no trabalho de profissionais de saúde mental</i>	35
José Vanderlei Carneiro. <i>Esboço de uma filosofia da pessoa em Paul Ricœur</i>	35
Roberto Roque Lauxen; José Carlos da Silva Simplício. <i>O problema de uma teoria geral do julgamento em Paul Ricœur</i>	36
Eixo: Hermenêutica e Ciências Humanas	37
Adriano Carvalho Viana. <i>A hermenêutica Ricœuriana e a análise do Tomo I, da À la recherche de Proust</i>	37
José Sérgio Fonseca de Carvalho. <i>Hermenêutica da consciência histórica e forma escola: impactos da ascensão e declínio dos tópoi iluministas da educação</i>	38
Leonardo de Mello Caffaro. <i>Fundamentalidade e Legitimidade. O Direito como Experiência (Historicidade da Positivização) e Legítimas Expectativas de Normatividade (Comunicação Normativa). Uma abordagem do Direito, da Justiça e da Democracia a partir da Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricœur</i>	39
Pedro Henrique Cristaldo Silva. <i>Distanciamento hermenêutico e ideologia subjacente na pesquisa em Ciências Humanas</i>	40
Rita de Cássia Oliveira. <i>A obra Temps et récit de Paul Ricœur é atravessada por uma teoria do romance?</i>	41
Thiago de Castro Leite. <i>Hermenêutica e reconhecimento de si: considerações sobre a experiência de leitura e fruição artística no contexto da formação escolar</i>	41
Thiago Luiz de Sousa. <i>O Ensino de filosofia: reflexões a partir do paradigma da tradução</i> ..	42
Eixo: Identidade, raça e gênero	43
Erica Martinelli Munhoz. <i>Para uma hermenêutica crítica da tradição de mulheres em literatura</i>	43
Rafael Zanata Albertini. <i>Narrativas fora do armário: a identidade sexual de homens gays na cidade</i>	44
Eixo: Memória, história e identidade brasileira	45
Anita Pompéia Soares. <i>Entre o horizonte de expectativas e o espaço de experiência: o passado como “tradição viva” na escola brasileira</i>	45
Ligia Zambone Moreira. <i>O sofrimento do exílio: limites e potencialidades da categoria Ricœuriana de sofrimento</i>	45
Rodrigo Augusto de Souza. <i>O retorno do acontecimento: Uma análise de Paul Ricœur sobre a historiografia francesa do Século XX</i>	46



APRESENTAÇÃO

I Congresso Internacional REDE BRASIL-RICŒUR: *Identidade e hermenêutica crítica*

REDE BRASIL-RICŒUR

Comissão Organizadora do I Congresso Internacional REDE BRASIL-RICŒUR

Criador de conceitos hoje indispensáveis, tanto no plano filosófico quanto no plano do conhecimento interdisciplinar, Paul Ricœur (1913-2005) tomou para si a tarefa incansável de dialogar com numerosos expoentes de vários campos do saber, com os quais contribuiu significativamente na composição do pano de fundo da produção de pensamento do século XX.

Que Ricœur tenha ao mesmo tempo afirmado sua identidade de homem de esquerda, de cristão, de cidadão ocidental, mas sem se contentar filosoficamente com ela, já é uma ilustração de sua proposta fundamental para a interpretação da existência humana: que ela seja uma hermenêutica crítica.

A expressão, forjada no intuito de arbitrar a controvérsia entre Habermas e Gadamer, embora tenha dado título a um dos subcapítulos do livro *Do texto à ação*, o famoso “Para uma hermenêutica crítica”, surgiu também no coração de um processo de amadurecimento filosófico fascinante: o de um projeto todo ele norteado pela recusa de produzir uma ontologia direta que se pretenda imune e surda às conquistas incontornáveis da ética e das ciências humanas, às quais, segundo Ricœur, devemos tantos esclarecimentos críticos imprescindíveis acerca do mundo em que vivemos.

Para Ricœur, porém, assim como a vocação da filosofia é decididamente crítica, seu primeiro passo é reconhecer o conflito.

A conflitualidade na busca da verdade do sentido já está no grande livro *A simbólica do mal*, onde o próprio conflito entre diversos símbolos e mitos do mal torna-se produtivo para o pensamento, dando justamente o que pensar. O conflito das interpretações irá rapidamente se tornar para Ricœur uma matriz produtora de pensamento dialético entre a interpretação redutora do sentido dos símbolos e a interpretação amplificadora, ou seja, entre as hermenêuticas da suspeita (Freud, Marx e Nietzsche) e as hermenêuticas da recoleção de sentido.

Em *O si-mesmo como outro*, foi também nos termos de um conflito entre as ilusões de um cogito cartesiano, o qual se autofunda, e as de um cogito nietzschiano, o qual sequer se coloca, que o sujeito crítico acabou alcançando sua trágica condição de cogito ferido.

Assim é que Ricœur reconhece plenamente o momento da racionalidade crítica no centro da operação de interpretação existencial, mas recusa-se a reconhecer na racionalidade uma função fundacional, convidando o marxismo e a psicanálise a se definirem como hermenêuticas. Pelos mesmos motivos, para pensar as objetivações culturais, textuais e históricas do sujeito humano já não bastam os métodos estruturalistas, já que Ricœur vislumbra na função crítica do sujeito um deslocamento da razão em direção à imaginação. Para ele, há que conciliar a função crítica e a função criativa do sujeito humano, por meio de conceitos como “veemência ontológica da metáfora”, “identidade narrativa” e as diversas categorias que dão precedência à existência prática do ser humano.

Desdobrado em narrativas que também são coletivas, o sujeito ricœuriano descoberto pela via da hermenêutica crítica é solidário da reflexividade crítica que só alcança o

conhecimento de si por meio de um longo processo de mediação dos signos culturais. Dessa forma, o processo da necessária crítica das ideologias não é de iniciativa de uma racionalidade sem ideologia, pois não existe para Ricœur razão sem ideologia, mas tem sua origem em outro lugar do imaginário social. Está na utopia, cuja potência crítica essencialmente prática se arraiga em ferramentas da desconstrução racional, ao estilo da escola de Frankfurt, e no entanto, se alicerça em narrativas da liberação e na memória histórica, com seu rol de ações passadas, de tradições culturais, míticas e religiosas.

Buscando tirar todo o proveito da rica concepção ricœuriana de identidade, e mais especialmente interessada nos desdobramentos amadurecidos ao longo da obra do filósofo que possibilitam pensar uma identidade coletiva, a recém criada *Associação Rede Brasil-Ricœur* convida à comunidade nacional e internacional de pesquisadoras e pesquisadores a questionarem a proposta da hermenêutica crítica de Paul Ricœur.

Levando em consideração o fato de que a sociedade brasileira é marcada pela pluralidade de povos e tradições, mas considerando também o fato de que sua história tem passado por sérias contradições, as quais se acirraram recentemente e levaram-nos a uma crise de identidade nacional, podemos dizer que de várias formas a dinâmica crítica formada pela hermenêutica dos símbolos, dos textos, de si e da ação pode nos interpelar ou até mesmo nos provocar. Como método que se aplica a numerosas regiões do saber, a hermenêutica crítica recomenda não deixar a identidade coletiva se retrair e encolher em forma de mitificação substancialista, pois isso a torna ideológica, e orienta inversamente a passar a identidade coletiva pelo crivo de uma crítica – historiográfica, sociológica, antropológica, teórico-literária, etc. Trata-se, portanto, nesta chamada, de nutri-la com os recursos criativos e utópicos de um pertencimento diversificado como é o nosso.

Paralelamente, se a hermenêutica crítica ricœuriana convida a retificar constantemente a memória pela historiografia, de maneira a limitar o poder ideológico de uma memória meramente afetiva e sem autocrítica, não estaria nisso a chave da distância crítica tão indispensável ao esclarecimento de nossa história, ele mesmo tão necessário à nossa específica convivência?

Por fim, com a crítica das dimensões semiótica e retórica dos textos de nossa cultura, cuja leitura ingênua é preciso limitar, faz-se necessário igualmente explorar os recursos da hermenêutica crítica de Ricœur do ponto de vista da periferia e a partir do pensamento decolonial, a exemplo do trabalho de Ernst Wolff.

Em suma, é possível apostar que, não sendo a hermenêutica crítica uma razão descarnada e abstrata, talvez ela facilite o acesso, pela via longa e difícil da vigilância crítica, às propostas de sentido, de construção e de ação recolhidas entre nós.

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

La arquitectura dialógica de la identidad humana en Paul Ricœur: implicancias éticas y políticas

Beatriz Eugenia Contreras Tasso
Pontificia Universidad Católica de Chile

La cuestión de la identidad humana atraviesa el planteamiento ético-antropológico de Paul Ricœur y aporta la clave fundamental de la ipseidad en la hermenéutica del sí mismo. Sin embargo, la reflexión contemporánea acerca de la pregunta *¿quién soy?* exige un acercamiento crítico, tanto epistémico como existencial, que ofrezca claves filosóficas al debate de los dilemas constitutivos de la existencia en su anclaje espaciotemporal. La evaluación de la propuesta hermenéutica de Ricœur respecto a la constitución dialógica de la identidad, en su dimensión narrativa personal y colectiva, nos permite hacer un balance crítico de sus fortalezas para pensar las encrucijadas de nuestra época, marcada por profundas crisis sociales y políticas. Asimismo, este análisis abre nuevas oportunidades de exploración de lo que ha quedado por pensar en relación con los desafíos de inclusión y de hospitalidad ética exigidos por nuestro presente, haciendo productivas las claves de la hermenéutica ricœuriana en la reflexión política.

A arquitetura dialógica da identidade humana em Paul Ricœur: implicações éticas e políticas

A questão da identidade humana atravessa a abordagem ético-antropológica de Paul Ricœur e fornece a chave fundamental para a ipseidade na hermenêutica do si. Contudo, a reflexão contemporânea sobre a questão: *Quem sou?* Requer uma abordagem crítica, tanto epistêmica quanto existencial, que ofereça chaves filosóficas para o debate dos dilemas constitutivos da existência em sua ancoragem espaço-temporal. A avaliação da proposta hermenéutica de Ricœur relativamente à constituição dialógica da identidade, na sua dimensão narrativa pessoal e coletiva, permite-nos fazer um balanço crítico de suas forças para pensar a encruzilhada do nosso tempo, marcado por profundas crises sociais e políticas. Da mesma forma, esta análise abre novas oportunidades para explorar o que ficou por pensar em relação aos desafios da inclusão e da hospitalidade ética exigidos pelo nosso presente, tornando produtivas as chaves da hermenêutica Ricoeuriana na reflexão política.

Hacia una posible re-construcción de la identidad Latinoamericana: Memoria, narración y reconocimiento.

Paula Andrea Dejanon Bonilla
Universidade Libre - Bogotá

¿Cuál es la distancia que se debe subsanar para descubrir el pasado acontecido y reconocer la importancia de reconstruir el tejido social a través de la palabra dicha, pronunciada? La historia de América Latina está atravesada por un sin número de silencios, de olvidos obligados que demandan ser develados. Y es la literatura la que ha servido como vehículo, desde la ficcionalización del pasado, para darle voz a lo oficialmente silenciado; ella ha contribuido a narrar la vida de los otros, de los ausentes, de los olvidados. La filosofía de Paul Ricœur nos ayuda a trazar un itinerario en el cual los conceptos de narración, memoria, identidad y reconocimiento se constituyen como pilares fundamentales para ampliar la

comprensión del pasado. La narrativa de ficción permite establecer mundos posibles en los que la identidad narrativa encuentra nuevas formas de ser y aparecer. A través de ella hemos encontrado la manera de aproximarnos desde la reflexividad de sí mismo a la construcción y el reconocimiento de los otros, de los allegados. La narrativa de ficción ha sido la manera en la que la memoria individual se ha hecho memoria colectiva. Todos estos conceptos nos permiten reinterpretar e intentar reconstruir la identidad latinoamericana. Para mostrar nuestro itinerario nos valdremos de las siguientes novelas: *Afuera crece un mundo* de la colombiana Adelaida Fernández, *Balún Canán*, de la autora mexicana Rosario Castellanos; *Mi Vasallo más fiel*, de la escritora mexicana Erma Cárdenas y *Del Amor y otros demonios* del escritor colombiano Gabriel García Márquez. Con ellas ampliaremos nuestro horizonte de comprensión de lo que hemos sido, somos y podremos ser.

**Para uma possível reconstrução da identidade latino-americana:
memória, narração e reconhecimento**

Qual a distância que deve ser transposta para descobrir o passado ocorrido e reconhecer a importância de reconstruir o tecido social através da palavra dita, pronunciada? A história da América Latina é atravessada por inúmeros silêncios, de esquecimentos forçados que exigem ser desvelados. E é a literatura que tem servido de veículo, a partir da ficcionalização do passado, para dar voz ao que está oficialmente silenciado; ela contribuiu para narrar a vida dos outros, dos ausentes, dos esquecidos. A filosofia de Paul Ricœur nos ajuda a traçar um itinerário no qual os conceitos de narração, memória, identidade e reconhecimento se constituem como pilares fundamentais para ampliar nossa compreensão do passado. A narrativa de ficção permite estabelecer mundos possíveis nos quais a identidade narrativa encontra novas formas de ser e aparecer. Através dela encontramos uma forma de transitar desde a reflexividade do si à construção e ao reconhecimento do outro, daqueles que nos são próximos. A narrativa de ficção tem sido o modo pelo qual a memória individual se tornou memória coletiva. Todos estes conceitos permitem reinterpretar e tentar reconstruir a identidade latino-americana. Para mostrar nosso roteiro utilizaremos os seguintes romances: *Afuera crece un mundo* da colombiana Adelaida Fernández, *Balún Canán*, da autora mexicana Rosario Castellanos; *Mi Vasallo más fiel*, da escritora mexicana Erma Cárdenas e *Del Amor y otros demonios* do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Com eles ampliaremos nosso horizonte de compreensão do que fomos, somos e podemos ser.

Quand Ricœur rencontre Viveiros de Castro

Jean-Luc Amalric
(EHESS/Paris)

Cette conférence propose de s'interroger sur l'idée hautement problématique d'une identité brésilienne en esquissant une confrontation entre le point de vue du perspectivisme amérindien tel que le définit Viveiros de Castro dans le cadre de son anthropologie et la théorie de l'identité narrative que Ricœur élabore dans le cadre de son herméneutique critique. A travers ce dialogue imaginaire, il s'agira de se demander qu'est-ce qui rend problématique toute définition de l'identité brésilienne ; qu'est-ce qui fait la différence irréductible entre la notion d'identité individuelle et celle d'identité collective dans son rapport à une logique violente de la domination ; et quel est peut être l'apport d'une conception narrative de l'identité collective située au carrefour du descriptif et du normatif, de la rétrospection et de la prospection, de l'idéologie et de l'utopie. Au-delà de ces questions, l'enjeu sera de montrer comment il est possible de repenser les rapports entre identité et altérité, dans les domaines de

l'anthropologie et de la philosophie, en faisant appel à une imagination critique susceptible d'œuvrer à la fois sur un plan épistémologique et sur un plan politique.

Quando Ricœur se encontra com Viveiros de Castro

Esta conferência propõe se interrogar sobre a ideia altamente problemática de uma identidade brasileira, delineando uma confrontação entre o ponto de vista do perspectivismo ameríndio tal como definido por Viveiros de Castro no âmbito de sua antropologia e a teoria da identidade narrativa que Ricœur elabora no quadro de sua hermenêutica crítica. Através deste diálogo imaginário, nos perguntaremos o que torna problemática qualquer definição da identidade brasileira; o que faz a diferença irreduzível entre a noção de identidade individual e a de identidade colectiva na sua relação com uma lógica violenta de dominação; e qual é talvez a contribuição de uma concepção narrativa de identidade colectiva situada na encruzilhada do descritivo e do normativo, da retrospecção e da prospecção, da ideologia e da utopia. Para além destas questões, o desafio será mostrar como é possível repensar as relações entre identidade e alteridade, nos campos da antropologia e da filosofia, apelando a uma imaginação crítica suscetível de operar tanto a nível epistemológico como a nível político.

Philosophie de la libération versus l'herméneutique? Le « débat » Dussel-Ricœur et sa signification contemporaine

Ernst Wolff (KU / Leuven)

En avril 1991, Enrique Dussel et Paul Ricœur ont participé à une conférence « Philosophie et libération » à l'Université de Naples. Les contributions de ces deux auteurs ont été traitées à de nombreuses reprises comme un « débat Dussel-Ricœur » dans les publications savantes. L'objectif de ma présentation est de soumettre ce débat à un examen critique. Dans un premier temps, je décris la nature exacte des contributions de chaque auteur et je résume leurs principaux propos. Ensuite, j'évalue les forces et les faiblesses de chacun. Cela conduit à des conclusions plutôt négatives pour les deux auteurs. Troisièmement, je suggère que les deux auteurs disposent de matériel dans leurs travaux publiés, qui pourrait être utilisé pour reconstruire un dialogue beaucoup plus fructueux. Cet article se limite à présenter le cas du point de vue de l'œuvre de Ricœur. Ce faisant, j'espère apporter une contribution à la question de la conférence de Naples sur la relation entre la philosophie et la libération.

Philosophy of liberation versus hermeneutics? The Dussel-Ricœur "debate" and its contemporary significance

In April 1991, Enrique Dussel and Paul Ricœur participated in a conference on "Philosophy and Liberation" at the University of Naples. The contributions of these two authors have been dealt with numerous times as a "Dussel-Ricœur debate" in scholarly publications. The aim of my presentation is to subject this debate to careful scrutiny. First, the exact nature of each author's contributions is described and their major points summarized. Second, I assess the strengths and shortcomings of each. This leads to rather negative findings for both authors. Third, I suggest that both authors dispose of material in their published work, that could be used to reconstruct a much more fruitful dialogue. This paper is limited to making the case from the perspective of Ricœur's work. Doing so I hope to make a contribution to the question of the Naples conference: the relation between philosophy and liberation.

Filosofia da libertação versus hermenêutica? O “debate” Dussel-Ricœur e seu significado contemporâneo

Em abril de 1991, Enrique Dussel e Paul Ricœur participaram de uma conferência “Filosofia e Libertação” na Universidade de Nápoles. As contribuições destes dois autores foram tratadas em inúmeras ocasiões como um “debate Dussel-Ricœur” em publicações acadêmicas. O objetivo da minha apresentação é submeter esse debate a um exame crítico. Primeiro, descrevo a natureza exata das contribuições de cada autor e resumo seus pontos principais. Depois, avalio os pontos fortes e fracos de cada interlocutor. Isto conduz a conclusões bastante negativas para ambos os autores. Terceiro, sugiro que ambos os autores dispõem de material nos seus trabalhos publicados que podemos ser utilizados para reconstruir um diálogo muito mais frutífero. Este artigo limita-se a apresentar o caso do ponto de vista da obra de Ricœur. Ao fazê-lo, espero contribuir para a questão da conferência de Nápoles sobre a relação entre filosofia e libertação.

Le dépaysement comme modalité historique de la toposité significative

Vincent Davy Kacou
Université Alassane Ouattara de Bouaké - Côte d'Ivoire

La vie nous donne de voir que les plantes poussent des racines dans la terre, mais ce n'est pas pour s'y fixer irrémédiablement, car alors les racines leur seraient des ventouses. Grâce aux racines, les plantes décollent, elles s'arrachent de l'immédiateté, elles fleurissent pour s'épanouir dans l'éther, elles s'ouvrent à l'immensité du ciel. Ainsi, il faut à l'homme des ailes et des racines ; des ailes pour voler et communier et des racines pour s'asseoir.

D'où l'intitulé de cette communication: « *Le dépaysement comme modalité historique ou critérium de la toposité significative* » pour inviter tous et chacun à s'immerger dans sa culture propre en vue d'une vie épanouie et surtout d'une véritable identité de soi, car comme le souligne P. Ricœur (1947, p. 312), le « passé approprié est la source vivante du présent ; pas d'existence sans tradition. » La toposité significative suppose une réappropriation de l'histoire, une subsumption et une assomption pour comprendre le présent et bâtir le futur.

Notre hypothèse c'est qu'il n'y a d'identité authentique que par le dépaysement. De toute évidence, si l'on ne visite pas ses origines et ne puise pas en elles des ressources pour affronter les défis du monde ambiant, l'on demeurera toujours étranger à lui-même et méfiant envers les autres que soi. En tout état de cause, le dépaysement comme critérium de la toposité significative exige de la part des Africains et des Brésiliens, une créance et une fiance résidant au cœur de la phénoménologie de l'attestation de soi.

Disorientation as a historical modality of significant toposity

Life shows us that plants grow roots in the earth, but not in order to be irremediably fixed to it, because then the roots would be irrevocably, because then the roots would be suckers for them. suction cups. Thanks to the roots, plants take off, they tear themselves away from immediacy, they blossom into the ether, they open up to the immensity of the sky. Thus, man needs wings and roots; wings to fly and commune and roots to sit on.

Hence the title of this paper: "Disorientation as a criterion of meaningful toposity" to invite each and everyone to immerse themselves in their own culture with a view to a fulfilling life and above all a true self-identity, because as said P. Ricœur (1947, p. 312), the 'past is the living source of the present; no existence without tradition." Meaningful toposity presupposes

a reappropriation of history, a subsumption and an assumption in order to understand the present and to build the future.

Our hypothesis is that there is no authentic identity except through displacement. From Obviously, if one does not and do not draw from them the resources to face the challenges of the world around us, one will always remain the challenges of the surrounding world, one will always remain a stranger to oneself and and distrustful of others. The as a criterion of meaningful toposity requires that Africans and Brazilians a credence and trust that lies at the heart of the phenomenology of self-attestation.

O estranhamento como uma modalidade histórica de toposidade significativa

A vida nos mostra que as plantas perfuram a terra com suas raízes, mas não para serem irremediavelmente fixadas a ela, pois se assim fosse, as raízes seriam ventosas. Graças às raízes, as plantas despontam, elas se desembaraçam da imediaticidade, florescem para desabrochar pelo ar, se abrem para a imensidão do céu. Assim, o homem precisa de asas e raízes; asas para voar e comungar e raízes para se estabelecer.

Daí o título desta palestra: “O estranhamento como uma modalidade histórica de toposidade significativa” para convidar cada um e cada uma a imergir em sua própria cultura tendo em vista uma vida realizada e acima de tudo uma verdadeira identidade de si, pois como aponta P. Ricœur (1947, p. 312), o “passado apropriado é a fonte viva do presente; não há existência sem tradição”. A toposidade significativa pressupõe uma reapropriação da história, uma subsunção e uma assunção para compreender o presente e para construir o futuro.

Nossa hipótese é de que não há identidade autêntica, exceto por estranhamento. Obviamente, se nós não visitarmos nossas origens e dela retirarmos os recursos para enfrentar os desafios do mundo ao nosso redor, nós permaneceremos sempre estrangeiros para nós mesmos e desconfiados dos outros. De qualquer forma, o estranhamento como critério da toposidade significativa exige dos africanos e brasileiros uma credibilidade e uma confiança que está no cerne da fenomenologia da atestação de si.

Les pièges de l'identité

Jeanne-Marie Gagnebin
(UNICAMP / PUC-SP)

Avec la distinction entre identité/mêmeté et identité/ipséité, Ricœur poursuit un double but : inscrire le *Dasein* dans la temporalité et le changement permanent, certes, mais également lui permettre de s'assumer comme un sujet autonome, dans la droite ligne de Kant, donc capable de se souvenir et de promettre, et d'être tenu pour responsable de ses actes, en tant que sujet singulier et qui persiste dans sa singularité.

C'est dans le contexte juridique des crimes imprescriptibles que se manifeste avec force la nécessité de maintenir un noyau d'identité fixe du sujet, au-delà de toutes ses transformations, volontaires (masques, opérations esthétiques, exil, etc.) ou non, voire de possible repentir, pour pouvoir atteindre un équilibre entre justice, punition et amnistie réglée, celle-ci ne devant être confondue ni avec l'oubli ni avec le pardon, comme le montrera Ricœur dans *La mémoire, l'histoire l'oubli*. Une thématique essentielle pour l'Amérique Latine, en particulier pour le Brésil.

C'est aussi dans une réflexion sur la pratique juridique, plus particulièrement sur les diverses pratiques du procès et du tribunal, que Ricœur esquisse une mise en question de la notion d'*identité narrative* comme reprise par la parole de son cheminement singulier par le sujet autonome. Et cela parce que l'identité narrative, le fait de pouvoir raconter sa propre vie, est

bien un signe d'autonomie et de compétence – mais cette compétence et cette autonomie ne sont pas le lot de tous les hommes, même s'ils s'efforcent de les acquérir – encore moins de toutes les femmes ! Ricœur écrit :

« L'identité narrative en effet, est revendiquée, elle aussi, comme une marque de puissance. (...) Or la gestion de sa propre vie, comme l'histoire susceptible de cohérence narrative, représente une compétence de haut niveau qui doit être tenue pour une composante majeure de l'autonomie du sujet de droit. » (*Le juste 2*, pp.93/94).

En liant aussi solidement la question de l'identité et celle de l'autonomie, Ricœur reste fidèle au modèle kantien de l'*Aufklärung*. Reste la question que nous pourrions proposer à la réflexion : jusqu'à quel point ce beau modèle n'oblitére-t-il pas les contraintes sociales et politiques auxquelles sont soumis tant de sujets, non seulement par paresse et solution de commodité comme l'évoquait Kant, mais également par domination et exploitation, qu'il s'agisse des femmes ou des colonisés ? Ou, en d'autres termes : comment construire une identité narrative, celle d'un « je » ou aussi d'un « nous », qui ne prenne pas pour modèle l'affirmation de privilèges dus aux structures de puissance et de pouvoir ?

As armadilhas da identidade

Com a distinção entre identidade/mesmidade e identidade/ipseidade, Ricœur persegue um duplo objetivo: colocar o *Dasein* na temporalidade e, certamente, a permanência na mudança, mas também permitir assumir-se como sujeito autónomo, em alinhamento com Kant, portanto, capaz de se lembrar e prometer, e de ser responsabilizado por seus atos, como sujeito singular e que persiste em sua singularidade.

É no contexto jurídico dos crimes imprescritíveis que se manifesta de forma contundente a necessidade de manutenção de um núcleo de identidade fixa do sujeito, para além de todas as suas transformações, voluntárias (máscaras, operações estéticas, exílio, etc.) ou não, ou mesmo de possível arrependimento, para poder alcançar um equilíbrio entre justiça, punição e anistia regulamentada, esta não podendo ser confundida nem com o esquecimento nem com o perdão, como Ricœur mostrará em *A memória, a história, o esquecimento*: uma temática essencial para a América Latina, em particular para o Brasil.

É também numa reflexão sobre a prática jurídica, mais particularmente sobre as diversas práticas do processo e do tribunal, que Ricœur esboça um questionamento da noção de *identidade narrativa* como uma retomada pela palavra do sua jornada singular pelo sujeito autónomo. E isto porque a identidade narrativa, o facto de poder contar a própria vida, é de facto um sinal de autonomia e de competência - mas esta competência e esta autonomia não são o destino de todos os homens, mesmo que estes se esforcem por adquiri-las – ainda menos de todas as mulheres! Ricœur escreve: “A identidade narrativa, na verdade, também é reivindicada como marca de poder. (...) Ora, a gestão da própria vida, como história passível de coerência narrativa, representa uma competência de alto nível que deve ser considerada um componente importante da autonomia do sujeito de direito.” (*O Justo 2*, p. 87-88).

Ao vincular tão firmemente a questão da identidade e a da autonomia, Ricœur permanece fiel ao modelo kantiano da *Aufklärung*. Resta a questão que poderíamos propor à reflexão: até que ponto este belo modelo não oblitera os constrangimentos sociais e políticos a que tantos sujeitos estão submetidos, não só por preguiça e soluções de conveniência como evocado por Kant, mas também por dominação e exploração, seja das mulheres ou dos colonizados? Ou, por outras palavras: como construir uma identidade narrativa, a de um “eu” ou também a de um “nós”, que não tenha como modelo a afirmação de privilégios devidos ao poder e às estruturas de poder?

RESUMOS DAS MESAS REDONDAS

MESA-REDONDA 1: *Filosofia, Teoria literária, literatura: a mediação impossível?*

Teoria literária e filosofia: uma colaboração nada simples

Cristina Henrique da Costa
(UNICAMP)

Praticar a escrita por inclusão de diversos pensadores provenientes das mais variadas áreas de humanas, em cuja autoridade a reflexão filosófica também precisa se apoiar tornou-se uma marca indelével dos textos produzidos por Paul Ricœur. Deve-se, em primeiro lugar, louvar esse constante exercício, feito por Ricœur, de reconhecimento da relativa autonomia das disciplinas, e deve-se saudar o esforço do filósofo por ouvir o que as demais ciências humanas teriam a dizer sobre o mundo, ao contrário do que fizeram tantos outros filósofos de seu tempo. Convicto de que a força da crítica às ideologias depende da colaboração da filosofia com as outras disciplinas, Ricœur entretanto nunca deixou de desconfiar também do discurso científico, quando este último pretendeu constituir-se como paradigma generalizante válido para o conjunto das disciplinas de humanas. O objetivo de minha palestra é tentar mostrar que a dupla preocupação de Ricœur, de reconhecimento das ciências humanas e de limitação da pretensão científica, acabou resultando lateralmente numa posição ambígua do filósofo em relação à teoria literária. Ora ele enfrentou uma discussão eficiente e frontal com a narratologia, com a semiótica, com a retórica moderna, com o positivismo logicista, etc. Ora ele concedeu às vertentes mais científicas dos estudos literários do século XX certa produtividade que a própria disciplina está hoje muito longe de reconhecer. Em ambos os casos, o filósofo se colocou como interlocutor e autoridade capaz de arbitrar no campo teórico-literário, e muitas vezes apoiou-se de fato em autores da área, mas por não reconhecer a autonomia estrutural da disciplina, parece ter passado ao largo da dimensão de crítica ao cientificismo enquanto parte constitutiva da própria teoria literária. Refletirei sobre dois momentos decisivos em que a análise ricœuriana mostrou-se insuficiente enquanto crítica à pretensão científica no campo da literatura: o momento da discussão sobre a subjetividade poética em *A metáfora viva* e o momento da caracterização o da representação do tempo em *Tempo e narrativa 2, Entre o tempo mortal e o tempo monumental. Mrs Dalloway*. Usarei duas referências, H. Meschonnic e M. Bakhtine, ambos teóricos críticos ao cientificismo teórico-literário, e no entanto irreduzíveis ao discurso filosófico. Proponho refletir sobre os efeitos de certo reducionismo filosófico de Ricœur, mas não abro mão das ferramentas fundamentais que ele inventou, e que os estudos literários precisam ouvir e aproveitar. É, portanto, através da mesma prática do reconhecimento da alteridade, mas afirmando que esta mesma prática agora é outra prática, invertida, que procurarei delinear os limites da filosofia na abordagem do objeto literário.

Palavras-chave: P. Ricœur; E. Benveniste; H. Meschonnic; M. Bakhtine; Teoria literária

Totalidade e continuidade na obra narrativa a partir de Paul Ricœur: o desafio do mundo contemporâneo na escrita de Paloma Vidal

Hélio Salles Gentil (Doutor em Filosofia-USP)
Universidade São Judas Tadeu (USJT–Aposentado)

Partindo da já bastante conhecida e extremamente fecunda extensão que Paul Ricœur promove da clássica compreensão aristotélica da tragédia, elaborada na Poética, a outras formas narrativas, em particular à forma romanesca própria da Modernidade, o trabalho que aqui se apresenta procura examinar o alcance e a validade desse paradigma cunhado por Ricœur diante de narrativas contemporâneas que parecem escapar a ele – com atenção particular às categorias de totalidade e de continuidade, que à primeira vista não são apropriadas à compreensão das temporalidades deste mundo e de suas expressões narrativas. Para isso serão trazidas à reflexão algumas obras de uma autora contemporânea, Paloma Vidal, que traz à linguagem, com muita força e beleza, dimensões significativas do viver e escrever nesse mundo e nessa época, promovendo intensas mediações – e meditações – poéticas entre a experiência e a palavra.

Palavras-chave: narrativa; Paul Ricœur; Paloma Vidal; literatura;

Filosofia, teoria literária, literatura: a mediação imaginativa

Jean-Luc Amalric
(EHESS/Paris)

Paul Ricœur é um filósofo que falou de literatura, mas nunca se apresentou como um teórico da literatura. Em *Tempo e Narrativa*, por exemplo, no volume II, Ricœur comenta três grandes obras literárias: *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust, *A montanha mágica* de Thomas Mann e *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf, assim como também analisa vários teóricos vinculados à narratologia; e ainda, no volume III - capítulo 4, dedicado à teoria da leitura, Ricœur dialoga com certos teóricos marcadamente voltados para o estudo de objetos literários, tais que Jauss, Booth ou Michel Charles, mostrando-se sempre grande leitor de literatura, assim como de teoria literária. Entretanto, ao contrário de Derrida, jamais tomou como ponto de partida de sua reflexão a questão da especificidade do objeto literário. Na presente comunicação, tentarei primeiro explicar a importância da referência à literatura na obra de Ricœur. Em seguida, refletirei sobre o que poderia ser a contribuição própria da filosofia ricœuriana à teoria literária. O que permite explicar tanto a importância conferida à literatura na filosofia de Ricœur quanto a contribuição original dessa filosofia à teoria literária; é a elaboração, no coração da obra ricœuriana, de uma teoria filosófica inovadora da função da imaginação no discurso e na ação.

Palavras-chave: teoria literária; imaginação; Paul Ricœur; filosofia.

MESA-REDONDA 2: *Paul Ricœur e decolonialidade em perspectiva brasileira*

Uma identidade brasileira? Alguns desafios para a construção de uma narrativa nacional à luz da hermenêutica crítica de Ricœur

Cristina Amaro Viana (Doutora/Unicamp)
PPGFIL/UFAL

"Sou brasileiro e não desisto nunca"; "brasileiro é povo alegre e receptivo"; "brasileiro é do samba, é do maracatu, é do sertanejo"; etc. "Brasileiro do norte, do nordeste, do calor".

"Brasileiro do sudeste, do sul, do frio"; "Brasileiro negro, pardo, indígena"; "Brasileiro loiro, de cabelo liso e de olhos azuis"; "Brasileiro do cuscuz, da macaxeira e do mungunzá"; "Brasileiro do virado paulista, da feijoada e do carneiro no buraco". Etc, etc. Não faltam fórmulas e estereótipos difundidos em nossa cultura popular através das quais o brasileiro busca se reconhecer e educar sua posteridade. Mas o brasileiro se conhece realmente enquanto um povo? Nossa identidade nacional tem caráter de unidade? Por ocasião do I Congresso Internacional Rede-Brasil Ricœur, pretendemos nessa apresentação discutir alguns dos principais desafios para a construção de uma identidade brasileira, nos pautando para tanto em aspectos da hermenêutica crítica de Ricœur. Dentre os muitos desafios que encontramos, elencamos três para nortear nossa discussão, a saber, (i) o desafio da verdade; (ii) o desafio da decolonização; (iii) o desafio da luta antirracista. Para cada um desses desafios, cremos ser possível encontrar um horizonte de encaminhamento na obra Ricœuriana, muito embora o filósofo francês não tenha nunca viajado para o Brasil, e nem mesmo se detido a refletir sobre a sociedade e a cultura brasileiras de modo específico. Assim, em relação ao desafio (i), o da verdade, o que observamos é uma relação delicada do povo brasileiro com a verdade histórica, de modo que não é incomum encontrar pessoas, entidades e setores da sociedade que negam acontecimentos históricos, como é o caso da ditadura. Verifica-se, ainda, presença alarmante de negacionistas científicos, que se recusam a aceitar achados consagrados, defendendo, por exemplo, o terraplanismo ou exibindo posturas antivacina. Para enfrentar tal desafio, cremos que a noção de "action sensée" pode nos ajudar a compreender tais comportamentos, os quais acabam culminando em hábitos culturais. No que diz respeito ao desafio (ii), o da decolonização, verificamos a arraigada dependência epistêmica do brasileiro, a qual se manifesta em atitudes tais como a valorização do modo de vida europeu, que caminha ao lado de um desprezo pela cultura latino-americana. Cremos que um caminho promissor para a decolonização do pensamento pode começar pela crítica da ideologia e da utopia, tal como desenvolvida por Ricœur. Por fim, no que concerne ao desafio (iii), o da luta antirracista, verificamos que persiste um forte racismo estrutural na nossa cultura, em que pese a negação da existência do racismo por diversos setores e nichos da sociedade brasileira. Assim, as políticas de branqueamento e, mais recentemente, os embates contra as políticas de cotas são fenômenos que, talvez, possam ser melhor compreendidos se iluminados pela análise Ricœuriana de uma hermenêutica cultural, tal como desenvolvida em "O conflito de interpretações".

Palavras-chave: identidade narrativa; Brasil; verdade; decolonização; racismo.

Metáforas Digitais

Fernando Nascimento (Doutor em Filosofia)
(BOWDOIN COLLEGE/EUA)

Nesta apresentação investigo as formas de colonização digital através de metáforas que são utilizadas nos artefatos digitais - normalmente projetados por uma pequena elite técnica americana - que modelam as formas como outras culturas significam experiências como estabelecer e manter amizade, buscar trabalho, ouvir músicas, fazer compras, informar-se, namorar e entreter-se. Não é difícil reconhecer os sinais desta refiguração na linguagem cotidiana. Considere, por exemplo, expressões como "E quantos likes você teve?", "Posso te passar um whats?", "Podemos marcar um Zoom?" Mais do que as palavras em inglês, há metáforas como "apreciar suas ideias é apertar um botão" que resignificam e remodelam práticas e valores em todos os países que utilizam os artefatos digitais. A partir da teoria das metáforas de Ricœur, analisarei brevemente este processo de colonização digital não apenas

como uma intervenção pragmática (fazemos coisas diferentemente por contas dos artefatos), mas também uma intervenção hermenêutica, pois refiguramos sentidos a partir das metáforas digitais. Esta camada hermenêutica das tecnologias é mais fundamental, ainda pouco explorada nos estudos digitais e manifesta uma nova modalidade de imposição de valores e costumes a partir de uma relação desigual de poder entre culturas que se retro alimenta através da centralização de recursos tecnológicos.

Descolonizando a “decolonialidade” com Ricœur e Freud

Weiny César Freitas Pinto (Doutor/Unicamp)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Um dos quatro grandes problemas que guia Ricœur em *Da interpretação: ensaio sobre Freud* (1965) é o problema da identidade: qual compreensão nova de sujeito (si) a interpretação psicanalítica produz? Qual “si” a psicanálise interpreta? Guiado por essas questões, pretendo apresentar a análise ricœuriana da questão do sujeito em Freud para extrair dela reflexão crítica sobre *identidade e decolonialidade em perspectiva brasileira*. Procurarei mostrar como, com o auxílio da interpretação de Ricœur sobre a psicanálise, é possível contribuir para que o pensamento brasileiro sobre “identidade” e “decolonialidade” não caia na armadilha do identitarismo.

Palavras-chave: Ricœur; psicanálise; identidade; decolonialidade; pensamento brasileiro.

RESUMO DO MINICURSO

Ferramentas Ricœurianas úteis na perspectiva interdisciplinar: símbolo, conflito de interpretações, hermenêutica crítica, metáfora, identidade narrativa, cogito partido

Cristina Henrique da Costa (UNICAMP)
ccosta@unicamp.br

O texto ricœuriano, é inegável, chama a atenção pela criatividade de seus conceitos. No entanto, diante da densidade e complexidade do modo de pensar e escrever de Ricœur, duas dificuldades podem surgir para seu leitor. A primeira, a profusão de referências intertextuais internas à filosofia. A segunda, a integração de teorias e saberes de diversos campos como modo de construir problemas e sugerir soluções. Diante de tantos autores mencionados por Ricœur, podemos ter a impressão de que não alcançaremos compreender as mais úteis ferramentas do filósofo, aquelas que justamente são dotadas de maior potencial para pensarmos o mundo atual. A proposta deste minicurso, baseada na palavra de ordem: “não tenha medo do texto de Ricœur”, é aplainar as dificuldades do texto a fim de dar acesso a algumas ideias hoje incontornáveis da filosofia ricœuriana em sua dimensão ética, política, estética, fenomenológica e hermenêutica. Pretende-se mostrar que tais ideias tornam possível lidar conceitualmente, de forma original, com áreas essenciais das disciplinas humanas: antropologia, historiografia, teoria literária, psicologia, psicanálise, artes em geral. É o caso da ideia de *símbolo*, entendida por Ricœur como dialética do arcaico e do utópico, isto é, como produção de certa linguagem ao mesmo tempo irredutível ao discurso da racionalidade, e no entanto esclarecedora para a compreensão dos mitos, da religião, do poético, do núcleo criativo das culturas, do imaginário social. É o caso da ideia de *metáfora*, significativa de

certa escolha de Ricœur no que tange a forma de lidar com a literatura, através de uma proposta de renovação da problemática da referência, da relação entre discurso poético, discurso teórico e discurso filosófico, tomados aqui em sua relativa autonomia e tratados com o devido respeito da pluralidade. É o caso da reflexão sobre a dimensão indesconstrutível da narrativa, que desemboca na criação do conceito de *tecer da intriga*, revê inteiramente o significado da *mimesis* aristotélica, e possibilita o desenvolvimento da tese hoje mundialmente conhecida da *identidade narrativa*. É o caso, enfim, do vasto campo aberto pela proposta da *hermenêutica crítica*, que enfatiza o caráter estrutural do conflito entre a suspeita e a recoleção, afirma a necessidade de uma crítica das ideologias sempre associada à experiência do pertencimento, e por fim, argumentando em favor da fundação utópica (e não científica) da própria crítica, pretende compreendê-la como liberação da potência criativa da imaginação.

Palavras-chaves: literatura; Paul Ricœur; metáfora; hermenêutica crítica.

COMUNICAÇÕES ORAIS DE PESQUISAS

EIXO: AÇÃO, LINGUAGEM, NARRATIVA E IDENTIDADE

Hermenêutica da linguagem e da ação no discurso clínico

Maria de Nazareth Malcher

PHD em Psicologia/linha de pesquisa fenomenologia teoria e
Clínica / UFPA / Adjunta da Faculdade Ceilândia/Universidade de Brasília
malchersilva@unb.br

A comunicação entre humanos é uma busca intuitiva e reflexiva. Com o filósofo Friedrich Schleiermacher se dá a elaboração do método hermenêutico moderno desenvolvido para identificar o sentido histórico e atualizado da linguagem, desdobrado em dois movimentos: compreensão gramatical e psicológica. O filósofo Paul Ricœur contribui na proposição de uma hermenêutica universal, com suportes teóricos da fenomenologia husserliana, da psicanálise freudiana, do linguista Searle, em que tece uma via longa, da explicação à compreensão, da epistemologia à ontologia. Assim, configura a interpretação de discursos e textos, que em nosso trabalho relaciona ao campo da saúde mental, em um prisma reflexivo e interventivo. Neste sentido, duas direções clínicas são articuladas integradamente: a Psicologia e a Terapia Ocupacional na compreensão das dinâmicas neuróticas no transtorno do pânico; e no fazer cotidiano nas pessoas que vivenciam a escuta das vozes como espaço de *Recovery*. Na primeira considera-se neuroses como linguagens centradas na utilização habitual de discursos de impotência, de introjeção e projeção de sentidos, e pânico, o medo e os pensamentos são os sintomas mais preponderantes nos discursos dos clientes; enquanto que na segunda relaciona-se ao enfoque de valorização da vivência e narrativa da experiência e cotidiano, ressignificando como linguagem geradora de saúde mental. Em ambos os contextos, são as linguagens os elementos empíricos interpretados na dialética oralidade-escrita que ocorre na intervenção terapêutica gestáltica, e em *Recovery*, cujos princípios são orientados pela fenomenologia heideggeriana. As funções da linguagem, os atos dos discursos, as ideologias apreendidas pelos clientes; o modo de realizar contato durante a psicoterapia, as formas de representar e expressar os modos são baldrames para desvelar os sentidos dos sintomas citados, identificando, também, “gatilhos”, tipos de crise, causas, bem

como contribuir para atualização da consciência intencional e da vida boa relacional e cotidiana. Na proposta da comunicação apresentaremos aspectos gerais da hermenêutica de Ricœur da interpretação e ideologia e discurso da ação; e nossa experiência de utilização por meio dos discursos obtidos no cuidado, sob os dois contextos clínicos e baseados na hermenêutica Ricœuriana, que possibilitará formação continuada sob esta análise e contextualizada ao campo da saúde mental.

Palavras-chave: hermenêutica; Ricœur; discurso clínico; saúde mental.

O professor readaptado e a desnarrativização da sua experiência

Caroline Fanizzi (Doutora em Educação, FEUSP)
 Doutora em Sciences de l'Éducation, U. Paris VIII
 Universidade Federal de Santa Catarina
caroline.fanizzi@gmail.com

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento e examina a condição de readaptação funcional de professores da rede pública de ensino. As reflexões aqui apresentadas consistem em desdobramentos da pesquisa de doutorado recém-concluída (USP e Université Paris VIII), na qual buscamos desenvolver uma fenomenologia do sofrimento docente. O levantamento bibliográfico realizado para a referida pesquisa, orientado às temáticas do mal-estar, do adoecimento e da desvalorização docente, colocou-nos diante de uma figura frequentemente invisibilizada no espaço escolar, bem como no debate acadêmico: o professor readaptado. São considerados professores readaptados aqueles que, após sofrerem modificações em suas condições de saúde e verem alteradas as suas capacidades de trabalho, voltam às escolas em uma nova função. Essa alteração pode ser motivada por distintas razões, sendo comuns dentre professores os distúrbios da voz, distúrbios osteomusculares e os chamados *transtornos mentais e do comportamento*. É a este último conjunto de fatores que dedicaremos as nossas análises. A readaptação consiste em uma condição – e mesmo um destino – que parece pairar no horizonte de expectativas dos professores que, em maior ou menor medida, se sentem mal em seu ofício. Ainda que a readaptação represente uma tentativa de reinserção do professor no espaço escolar, ou mesmo, como propomos, de reparação do fio de sua narrativa de vida (RICŒUR, 2021), rompido no processo de sofrimento que motivou o afastamento de suas funções docentes, essa condição parece afetar de forma profunda a construção da identidade do professor que se vê, então, identificado a um novo lugar: o do *professor readaptado*. A construção da identidade narrativa de um sujeito repousa sobre uma estrutura temporal, de modo que se torna possível a inclusão da mudança e da impermanência na coesão de uma vida. Perguntamo-nos, contudo, como essa mudança profunda e repentina operada na vida desses professores parece afetar a coesão e a continuidade de sua narrativa, bem como a sua capacidade de (se) contar. A partir de depoimentos de professores que vivenciam a condição de readaptação funcional, recolhidos de reportagens recentemente publicadas acerca do adoecimento docente, examinaremos à luz do pensamento de Paul Ricœur, de que forma a identidade professor-readaptado parece afetar a experiência de um sujeito e a construção de sua identidade. De modo mais específico, buscaremos tecer algumas reflexões iniciais em torno da hipótese de que a forma como a condição de professor-readaptado é hoje concebida e ordenada em nosso sistema de ensino parece afetar a dialética temporal que constitui a experiência de um sujeito e a sua identidade narrativa, comprometendo a possibilidade de que esse professor venha a ser capaz de ressimbolizar e renarrativizar (RICŒUR, 2010) a sua experiência enquanto docente e, assim, retornar às salas de aula.

Palavras-chave: professor readaptado; identidade narrativa; sofrimento; desnarrativização.

Habitar mundos estranhos a nós: uma ideia de educação a partir de Ricœur

Denizart Busto de Fazio (Doutorando na Faculdade de educação da USP)
 Agência de Fomento: FAPESP
denizart.fazio@usp.br

Este trabalho é fruto da pesquisa de doutoramento em desenvolvimento, na qual, em oposição às formulações contemporâneas que instrumentalizam a educação, tem por objetivo compreender as possibilidades de formação de si enquanto habitação de “mundos estranhos a nós”. Buscamos pensar as implicações educativas decorrentes da aproximação realizada por Ricœur entre teoria narrativa e constituição de si. A partir de alguns textos do autor desenvolvemos essa reflexão sobre uma ideia de educação em quatro movimentos: *Os paradoxos da identidade*, no qual investigamos os encaminhamentos educativos sugeridos por Ricœur em sua palestra na Jornada de Psiquiatria de Lille, em 1995; *Responsabilidade e educação*, no qual nos debruçamos sobre o texto “Tarefas do educador político”, de 1965; *O reino da palavra*, onde refletimos sobre o estatuto da palavra (*parole*) na educação, a partir da publicação de Ricœur na *Esprit*, em 1955, abordando uma espécie de fundamento do educativo: a palavra que transmite às novas gerações um saber e o movimento de nossa cultura; *Identidade narrativa*, onde refletimos as implicações educativas do conceito formulado ao final de *Tempo e Narrativa* e depois desenvolvido em *O si-mesmo como outro*. A escolha pela metáfora “habitar mundos estranhos a nós”, enunciada por Ricœur nas discussões finais do *Tempo e Narrativa*, como norteadora dessas investigações, deve-se ao fato dela encarnar os paradoxos constitutivos da educação como formação de um alguém. Se *habitar* nos sugere alguma familiaridade e estabilidade com algo, o *estranho a nós* nos coloca em distância, como lugar a conquistar. Entre a *habitação* e o *estranhamento* há um fosso que, essa é a nossa hipótese, que só pode ser preenchido, de forma imperfeita e provisória, pela atividade hermenêutica. É a respeito deste intervalo paradoxal entre *si* e *outrem*, *mesmidade* e *ipseidade*, *sujeito* e *mundo*, *habitação* e *estranhamento*, que desejamos empreender nossas reflexões, em oposição à retórica instrumental que acossa a educação contemporânea. A educação talvez seja, à sua maneira, a resolução prática de um paradoxo temporal, tal como a narrativa o é enquanto resolução poética da aporia do tempo.

Palavras-chave: filosofia da educação; hermenêutica; literatura; narração.

Dos limites do conceito à imensidão da metáfora: Linguagem e realidade em Nietzsche e Ricœur

Leonardo Magalde Ferreira (Doutorando em Filosofia)
 Universidade Federal do ABC
leonardomagalde@hotmail.com

O problema que almejo discutir nesta comunicação é parte do início da minha pesquisa de doutorado e que se apresenta a partir de uma reflexão de ordem mais geral, a saber, o que poderia a epistemologia filosófica aprender com o discurso poético se não o considerasse como um elemento antagônico e sim como um modo de compreensão mais amplo. Isto porque a filosofia, por intermédio da linguagem conceitual, sempre buscou delimitar suas fronteiras, afastando-se em demasia de toda sorte de discurso que não partilhasse seu rigor.

Entretanto, quando esta postura sofre um golpe como o de Nietzsche e sua crítica à linguagem, principalmente em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, sua legitimidade é colocada em xeque. Como se sabe, Nietzsche é categórico em dizer neste texto que a natureza da linguagem é em si mesma metafórica, ou seja, há sempre um transporte de um elemento a outro no ato de apreensão da realidade, de modo que toda pretensão à objetividade e/ou verdade defendida pela filosofia não mais se sustentaria. Assim, como responder à crise de sentido que resulta da crítica nietzschiana? Minha hipótese inicial é de que os avanços obtidos por Paul Ricœur em sua teoria da metáfora permitem uma resposta à altura, na medida em que defende ser possível à filosofia o acesso a uma verdade de outra natureza, ela mesma metafórica, encontrada principalmente no discurso poético. Ademais, enquanto Nietzsche vê a atividade metafórica de modo arqueológico, ou seja, como o fundamento da linguagem e por isso mesmo não permitindo um discurso adequado à realidade, Ricœur entende ser justamente a impertinência semântica – presente em demasia no discurso poético – o que permite uma leitura criativa e não conceitual do mundo que nos cerca, onde seria possível assimilá-lo de modo indireto a partir da criação de novos significados e modos de compreensão. Caberia à filosofia, portanto, o papel de interpretar a função teleológica da linguagem presente na metáfora, visto que, sob essa ótica, sua finalidade seria sempre a compreensão de um novo referente. Posto isto, se Nietzsche diz que não tocamos o real por conta da atividade metafórica presente em nossa constituição fisiológica, por assim dizer, é porque sua argumentação compreende esta relação nos termos de uma epistemologia clássica. Se, ao contrário, pensarmos nos termos apresentados pela inovação semântica da metáfora, uma outra possibilidade se mostra. Em outras palavras, a crítica de Nietzsche poderia ser assimilada e/ou superada na medida em que a carência de objetividade não seria vista como uma derrota epistemológica para a filosofia, mas condição necessária para a criação de um discurso possível sobre a realidade, liberando o caráter criativo intrínseco à linguagem. É neste sentido que a teoria da metáfora de Ricœur pode encontrar positivamente a crítica de Nietzsche, principalmente no que diz respeito à defesa da criação artística como elemento essencial à vida, defesa essa presente em grande parte de sua obra. Assim, ao partir da verdade enquanto metáfora rumo à verdade metafórica, a hermenêutica textual de Ricœur encontraria a pulsão artística defendida por Nietzsche.

Palavras-chave: linguagem; realidade; conceito; metáfora; poética.

Configuración de identidades narrativas en el uso de redes sociales

Manuel Prada Londoño (Doctor en Filosofía)
 Universidad de La Salle – Bogotá, Colombia
mpradalon@gmail.com

La ponencia se concentra en esbozar las ideas básicas en torno a las cuales se pueden analizar los procesos de configuración de identidades narrativas en las redes sociales (Facebook, Instagram y Twitter), pesquisa que está orientada por los desarrollos de la “Filosofía hermenéutica de la tecnología” (HPT, por sus siglas en inglés), particularmente de inspiración ricœuriana (Reijers *et al.*, 2021). En un primer momento, se muestra que las reflexiones Ricœurianas sobre la escritura –por ejemplo, a propósito de la fijación del sentido, de las relaciones entre autores y lectores o del problema de la referencia (Ricœur, 1986, 2010)– son aplicables para interpretar la diversidad de “textos” que aparecen en las redes sociales. Se afirmará que los usuarios de las redes sociales nos comprendemos *ante* los textos que circulan en ellas y que tal proceso de comprensión de sí y de los otros ante esos “textos” requiere un *trabajo de lectura* tanto de las nuevas textualidades de las redes sociales, como de los textos

que, intencionadamente, produzcamos sobre aquelas. Enseguida, se esboza un conjunto de consideraciones sobre la noción de “identidad” en el contexto del uso de las redes sociales. Se advierte aquí que la respuesta a la pregunta: *¿quién soy?* no se da únicamente mediante la autodeclaración o el autorreconocimiento de quien la responde, sino que obliga a analizar el fenómeno mismo de las “identidades digitales”, así como la articulación entre identidad *online* y *offline* y la lectura de los textos que producimos como usuarios (Cheney- Lippold, 2017; Fitzpatrick, 2021; Romele, 2013). A partir de lo anterior se puede evaluar en qué sentido la noción de trama sigue siendo plausible para comprender la configuración de una identidad personal en el uso de las redes sociales.

Palabras clave: identidades narrativas; redes sociales; Ricœur.

A dimensão narrativa da docência no contexto da escola pública

Thiago Miranda dos Santos Moreira (Mestre em Educação)
 Faculdade de Educação da USP
msmthiago@gmail.com

Para Paul Ricœur (2016), a capacidade humana de agir se expressa nas diferentes formas que um sujeito encontra de dizer a si mesmo: “poder dizer, poder influir no curso das coisas ou em outros protagonistas da ação, poder compor a própria vida em uma narrativa inteligível e aceitável” (RICŒUR, 2016, p. 288). Ao mesmo tempo, significa também “designar-se a si mesmo como agente de sua ação” (RICŒUR, 2016, p. 289). Em certa medida, o ofício de professor nos coloca diante dos mais jovens – os recém chegados no mundo, para utilizar o vocabulário de Hannah Arendt, uma autora cara a Ricœur – como representantes do mundo. Neste papel, assumimos a responsabilidade de iniciar as novas gerações em um mundo especificamente humano, pois constituído de uma dimensão histórica, narrando suas histórias, como quem faz um convite. Um convite para que se tornem mais do que *algo* no mundo, mas um *alguém*. Ocupar esse espaço implica também que não aparecemos diante desses estudantes apenas como representantes do mundo – na forma da instituição escolar –, mas que revelamos, no decorrer de nossas aulas, por nossos gestos, palavras e ações, um *alguém*. Sob essa perspectiva a instituição escolar é aquela capaz de criar condições para que esse encontro intergeracional ocorra, para que um *alguém* possa ocupar-se da formação de outros *alguéns*. É na narrativa que as ações são contadas, ordenadas e ganham um sentido. Do ponto de vista docente, encontrar na escola um espaço que possibilite a circulação da palavra, pode ser um importante meio para enfrentar as aporias atuais da educação, que em nossos dias tem superado a mera questão da aprendizagem ou das dificuldades estudantis. Ora, num ambiente no qual os profissionais se veem a todo o momento em constante risco, sob vigilância e ameaça de punição severa, quem ousa designar-se como autor das próprias ações? Se o que se valoriza é mais a obediência do que a autonomia, quem se arrisca a falar sobre suas dificuldades, dúvidas, fragilidades? Nestas circunstâncias, a possibilidade de narrar – o mundo, a si mesmo ou a própria experiência cotidiana – tornam-se reduzidas, uma vez que podem sempre significar um desacordo com a norma. Diante do quadro, o presente trabalho tem por objetivo aprofundar a nossa compreensão acerca do papel que a teoria narrativa pode desempenhar nas reflexões sobre o ofício docente no contexto institucional da escola. Consideramos que a identidade de um professor e, por conseguinte, o grau de seu compromisso com a escola e com a educação, está vinculado de forma indissociável dessas condições institucionais, que possam fazer da escola um espaço em que este possa experimentar a dimensão narrativa do ofício.

Palavras-chave: narrativa; educação; docência.

O tempo na narrativa de Leopold Bloom: uma leitura de Ulysses pela perspectiva de Paul Ricœur

Victor Fermino da Silva (Doutorando em Educação - USP/CNPq)
victors@usp.br

No *Ulysses* de James Joyce, a questão da identidade é, antes mesmo da publicação oficial do livro, um problema que o autor parece querer discutir sem cair na armadilha do nacionalismo irlandês. Acreditamos que a saída encontrada para representar a verdadeira identidade de um “herói nacional” é por meio de Leopold Bloom, um homem repleto de contradições em relação ao conceito heroico estabelecido na época e no lugar. Mas se Ricœur percebe em *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf uma sutileza ao representar um fluxo temporal que se move para frente enquanto remete às memórias do passado, é em *Ulysses* que o tempo se faz usado para desconstruir a identidade de Leopold Bloom, personagem que se apresenta como narrador, como figura onisciente intradiegeticamente (segundo Declan Kiberd) e como ícone de negação da imputação causal singular. Bloom sabe de tudo que acontece na narrativa, mas amiúde só age por meio do pensamento. Pretendemos discutir como as causas e intrigas que deveriam dominar os conflitos no romance são marcos temporais que movem o tempo adiante, mas que memorialisticamente reconstroem a personagem, com o objetivo de ler Joyce como Ricœur leu Proust. A memória da morte do filho foi uma reviravolta, mas a memória retorna e reconstrói-se como intriga, mas logo dá espaço a outra. As memórias e expectativas de Bloom vêm e vão, dialogam com outras ideias e presenteiam-lhe o presente no momento. Tal como seu orientador e ídolo W. B. Yeats (no poema *Among School Children*), Joyce usa a árvore (Bloom) para questionar se somos o tronco, o galho ou o florescer. É significativo (e convidativo, pois assim como foi com Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin, é quando alguém não fala sobre *Ulysses* que mais sentimos um desejo de colocá-los em diálogo com a obra) que Ricœur tenha citado *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf e *À la recherche du temps perdu* de Marcel Proust em *Tempo e Narrativa*, pois entre a obra que aperfeiçoa a escrita do tempo e aquela que investiga seu funcionamento, temos o *Ulysses* que parece colocar tempo e identidade como iguais. Como se memórias, expectativas e o Ser fossem gotas d’água em um mesmo rio, o que, na filosofia Joyciana, pode muito bem ser o fedido rio Liffey.

Palavras-chave: Ulysses; intriga; James Joyce; perenidade; literatura.

A força silenciosa do enredo: um olhar bourdieusiano sobre o conceito ricoeuriano de identidade narrativa

Vítor Hugo dos Reis Costa (Doutor em filosofia)
 Bolsista de pós-doutorado na UERJ - FAPERJ/CNPq
costavhr@gmail.com

Alexandra Dias Ferraz Tedesco (Doutora em história)
 Professora do departamento de história na UERJ
alexandra.tedesco@gmail.com

Trata-se de uma investigação acerca das discretas presença e influência da noção bourdieusiana de “disposições duráveis” na teoria ricoeuriana da identidade pessoal. Pretende-

se mostrar a densidade dos estratos sociais da experiência do si, tal como apresentados por Pierre Bourdieu, na constituição não só da matéria mas também da forma que emoldura a compreensão narrativa da vida. A investigação se constitui em um horizonte comparativo entre os textos de Ricoeur sobre identidade pessoal e os textos de Bourdieu sobre os constrangimentos sociais das disposições dos sujeitos. Entende-se que a aproximação comparativa permite um aprofundamento da compreensão dos estratos sociais que compõem aquilo que Ricoeur chamou de polo do *caráter* ou da *mesmidade* da identidade narrativa. Depreende-se dessa aproximação comparativa uma compreensão mais nítida e explícita acerca do que comparece ou deixa de comparecer como *possível* para um determinado sujeito em cada etapa de sua trajetória biográfica. Considerando que a demarcação do campo dos possíveis operativos em cada etapa existencial condiciona a composição do enredo que constitui uma identidade narrativa, pretendemos salientar, para fins de conclusão, a presença e a força silenciosa das disposições duráveis no enredo que se depreende de uma compreensão narrativa da identidade pessoal.

Palavras-chave: Ricoeur. Bourdieu. Hermenêutica. Sociologia. Identidade Pessoal.

EIXO: ESTUDOS DA RELIGIÃO E FILOSOFIA

“Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou?”. Discurso, silêncio e a narrativa da Igreja Católica em Auschwitz: a lamentação como prece

Arlindo José Vicente Junior (Mestrando em Ciências da Religião)
 Agência de Fomento: CAPES
arlindovicentejr@hotmail.com

Auschwitz foi um lugar de sofrimento que causou a morte de milhões de inocentes. Um lugar de horror contra Deus e contra o homem. Em 2006, o Papa Bento XVI (1927-2022) esteve em Auschwitz e confessa que não teria sido fácil estar ali como um filho do povo alemão. Em seu discurso, questiona o silêncio aterrorizado de Deus naquele lugar sem igual para a história e pergunta sobre o porquê Deus teria ficado em silêncio e teria permitido que aquele campo de extermínio existisse. Em 2016, foi a vez do Papa Francisco fazer a sua visita à Auschwitz e faz um silêncio ensurdecedor. Visita cada espaço e silencia-se: a polifonia do silêncio do Pontífice questiona, provoca e que não significa um indiferentismo, mas cria um novo sentido. É uma hermenêutica diante de um fenômeno do sofrimento humano. O silêncio de Francisco fala mais que qualquer discurso eloquente. No final de sua visita, deixa escrito no livro de honra do museu de Auschwitz, um pedido de perdão a Deus por tanta crueldade. Dois papas, duas atitudes: Bento XVI questiona o silêncio de Deus, mas não fica silencioso, profere um discurso questionador; e Francisco, faz um silêncio ensurdecedor. Ambos fazem uma lamentação em prece. Objetiva-se com esse trabalho, dialogar no campo das ciências da religião e da filosofia, apresentando primeiro uma análise do discurso de Bento XVI e depois, dos gestos de Francisco como narrativas da Igreja Católica diante de situações limítrofes da vida humana, como o sofrimento padecido neste campo de extermínio. Propomos, então, um diálogo com o pensamento de Paul Ricoeur (1913-2005) que também experimentou em sua vida os horrores deste lugar de sofrimento ao ser enviado forçadamente como prisioneiro. Diz em uma de suas obras que as histórias dos vencidos merecem ser narradas: a história do sofrimento pede narração. E em outra ocasião, quando dialoga com André LaCocque, ao discorrer sobre o grito de Jesus na cruz, diz que existem lamentações que podem soar como preces. Seria a pergunta de Bento XVI sobre o silêncio de Deus em Auschwitz uma prece? A

frase escrita por Francisco com seu pedido de perdão é um perdão difícil de obter? O discurso, o silêncio ou presença: qual é a melhor narrativa proposta pela Igreja diante da dor do outro tão vivas na memória? São as perguntas que levantamos com essa comunicação e que estão sendo estudadas na pesquisa – ainda em andamento – no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. E para responder às questões levantadas nesta comunicação, trata-se de uma pesquisa qualitativa apresentando os resultados que foram encontrados nas leituras bibliográficas das inúmeras narrativas da Igreja Católica, diante do sofrimento humano. O Salmo proferido pelo Crucificado e a pergunta do Pontífice alemão sobre o silêncio e a presença de Deus naquele campo de extermínio, podem ser compreendidos com uma lamentação transformada em prece. Uma vez que as vidas humanas, principalmente a história dos vencidos e perdedores, precisam ser contadas e merecem uma narração.

Palavras-chave: Bento XVI; Francisco; sofrimento humano; narração; silêncio.

A linguagem religiosa e a poética da existência

Donizete José Xavier (Doutor em Teologia Fundamental)
 Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
djxavier85@gmail.com

Esta comunicação tem por objetivo compreender a relevância que Paul Ricœur atribui à relação entre a linguagem religiosa e a poética da existência na redescoberta da vida. Para o filósofo são as expressões-limite que intensificam a linguagem religiosa. Falar de expressões-limite no contexto da existência humana, é falar de nossa experiência com todas as suas falibilidades e seus contornos. Nesse sentido, o imperativo desta reflexão se fundamenta na ideia de que a poética da existência de Ricœur se constitui como uma autêntica poética da fé: poética da esperança. Consequentemente, considerando o método hermenêutico-filosófico e hermenêutico-bíblico, próprio do filósofo, busca-se realçar que a poética da existência anunciada por ele, no período da sua filosofia eidética, faz-se presente na linguagem literária dos textos bíblicos e que há uma função de uma poética generativa enquanto garantia da singularidade das mensagens produzidas por esses gêneros literários. Sendo assim, a relevância do discurso da fé no horizonte da poética generativa e da existência se articula fecundamente com argumentação do intelecto. Em seguida, faz-se uma análise da dialética entre a poética da fé e a inteligência da fé, buscando as razões e proposições lógicas dos textos elevados à categoria de poesia. Destaca-se que nesse processo, a transgressão da linguagem ordinária é o sintoma de uma mudança lógica; de uma entrada no mundo poético próprio dos textos bíblicos. Trata-se do “mundo poético” que desorienta e confunde o discurso ordinário se tornando um indicativo para um ponto último de encontro com o infinito. Essa linguagem é, por si, metafórica. Linguagem que representa uma descrição criativa e original da realidade, pois, tal como a poética, exprime a realidade e revela uma dimensão transcendente. Isto posto, a linguagem religiosa, na qualidade de linguagem metafórica, busca o seu referente último e exige uma espécie de jogo sobre os limites enquanto tensão entre a reivindicação objetiva do saber e a apresentação poética do incondicionado. A lógica constituída pela questão do referente último, desde a perspectiva do jogo dos limites, esboça a emergência criativa da linguagem e toca o universo semântico da questão teológica fundamental. Por fim, o estudo propõe uma reflexão de como o filósofo considera os textos bíblicos como poemas, permitindo tocar o enredo mais profundo da realidade humana.

Palavras-chave: Expressões-limite; poética generativa; poética da existência; poemas.

O homem capaz e a religião a partir da filosofia de Paul Ricœur

Frederico Soares de Almeida (Doutor em Filosofia – UFMG)

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE

fredkrav@gmail.com

Paul Ricœur é um dos grandes pensadores do século XX que procurou estudar e compreender a linguagem simbólica. Diferente de Heidegger, que realizava uma ontologia da compreensão, o filósofo francês não acreditava que a compreensão de si possa ser adquirida de forma imediata através de uma análise do ser no mundo. Isso porque essa precisaria passar pela mediação da interpretação das obras nas quais o ser humano se manifesta. Nesse sentido, Ricœur entendia que os mitos e os símbolos deveriam ser estudados e analisados para se compreender o ser humano. O pensador francês em todo o seu percurso filosófico oferece uma atenção especial à linguagem religiosa. Ricœur acreditava que a abordagem filosófica da religião devia passar pela mediação da linguagem, enquanto hermenêutica fenomenológica dos símbolos, das metáforas e das narrativas mito-poéticas. Ele parte do pressuposto, em sua antropologia filosófica, que o ser humano capaz é o destinatário da religião. Ricœur compreende o ser humano como um ser inconcluso marcado pela falibilidade e pela capacidade. Os textos religiosos proporcionam ao ser humano uma nova possibilidade de compreensão de si. Ricœur leva isso em consideração e busca compreender como a religião pode ser destinada ao ser humano capaz. Sendo assim, o objetivo de nossa comunicação é mostrar como a religião pode ser vista como destinatária ao homem capaz. Dessa maneira, mostraremos como a filosofia Ricœuriana compreende o florescimento da esperança no horizonte do ser humano capaz. Nosso intuito é refletir como, através da esperança, a religião, na tarefa hermenêutica do reconhecimento de si, é o desdobramento da existência humana com fins bons. Existe uma sintonia entre a ideia de regeneração e a ideia de esperança. A esperança revela, em nosso horizonte, no espectro da religião como destinatária ao homem capaz, a possibilidade de uma retomada ou de um retorno ao bem. Ela surge como uma temática fundamental no arcabouço da filosofia Ricœuriana, principalmente no contexto de suas reflexões teológicas. Dessa forma, apontaremos como a esperança aparece no cenário do homem capaz gerando a possibilidade de uma ontologia reconciliada. A esperança surge como um horizonte de possibilidades. O homem capaz, sendo visto como o destinatário da religião, revela-nos que a esperança gera um otimismo em relação ao futuro, ao porvir. Esse otimismo não pode ser compreendido a partir de uma noção inocente de que tudo será bom, mas sim da capacidade que o homem capaz apresenta de ressignificar sua vida, mesmo diante do mal, da capacidade que ele revele de dar sentido à sua existência na contramão do niilismo, na busca de sua realização e na procura do bem comum.

Palavras-chave: homem capaz; religião; bem.

EIXO: ÉTICA, POLÍTICA E RECONHECIMENTO

A educação como experiência recíproca de reconhecimento: contribuições da antropologia filosófica Ricœuriana para a filosofia da educação.

Geison Amadeu Loschi (Doutorando)

Consideramos que a obra filosófica de Ricœur é fecunda para pensar questões do mundo contemporâneo. Embora este filósofo não tenha dedicado uma obra especial sobre o tema da educação, seus escritos permitem desdobramentos importantes nesse campo. Sua obra derradeira, *Percurso do reconhecimento*, se mostra como um verdadeiro convite à filosofia, abrindo inúmeras possibilidades de desenvolvimento, incluindo uma filosofia da educação. O reconhecimento, no sentido filosófico e político, tornou-se um horizonte fundamental do mundo contemporâneo, o qual, ao mesmo tempo em que estreitou as distâncias, parece ter reduzido a experiência da diversidade, aferrando-se a formas rígidas de identidade. A educação se vê interpelada por esse mundo e se coloca como o lugar de dianteira das batalhas simbólicas que são travadas para a consolidação de vozes, espaços e relações. Uma noção central na obra de Ricœur para pensar a relação entre o reconhecimento e a educação é a de capacidade, que foi desenvolvida, especialmente, a partir da década de 1990 e que tem seu corolário na segunda parte da obra *Percurso do reconhecimento*, a partir da fenomenologia do homem capaz. O conjunto de capacidades elencados por Ricœur representam o esforço de uma antropologia filosófica pautada nas diferentes modalidades da experiência do “eu posso”, enquanto virtual e efetivo, ao mesmo tempo – um conceito misto entre a experiência efetiva do poder e a exigência ligada ao seu exercício. A antropologia filosófica de Ricœur incorpora uma dialética entre o si, o outro e a ação, onde a atualização dos poderes e das capacidades humanas é o índice da consciência de si que demanda reconhecimento. Em nosso trabalho, pretendemos demonstrar como as capacidades humanas de falar, fazer, narrar e responsabilizar-se, constituem-se como um índice, ao mesmo tempo, de subjetivação e intersubjetivação, a partir da sabedoria prática por elas engendradas nas relações humanas. Os desdobramentos deste pensamento para educação podem ser muitos, mas gostaríamos de demonstrar, fundamentalmente, como a educação pode representar um espaço de abertura para a tomada de consciência das capacidades humanas e sua atualização, assim como, evidenciar a educação como uma experiência possível de reconhecimento mútuo das capacidades, configurando-se como clareira para uma sociedade que busca caminhos de respeito à dignidade do outro e de valorização da alteridade.

Palavras-chave: homem capaz; reconhecimento; educação.

Imaginação e ética no pensamento de Paul Ricœur

José Aguiar Nobre (Doutor em Filosofia e Teologia)
 Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP
nobre.jose@gmail.com

Entendemos que em qualquer tentativa de estudos do pensamento de Paul Ricœur, para fazermos jus ao autor, cabe situar o seu pensamento dentro daquilo que conhecemos como uma ontologia quebrada, isto é, forjada numa reflexão aberta e sempre a caminho. Por isso mesmo, ao navegar por diferentes campos do saber filosófico, do ponto de vista formal, para destacar o problema da pesquisa, indagamos: em qual deles a filosofia de Paul Ricœur se encaixaria? Ao ser inquirido sobre esta questão, ele a rejeitou várias vezes. Nesta perspectiva, a presente investigação objetiva ressaltar que o autor desejava ver o seu pensamento ser realizado mediante uma diversidade de pontos de vista. Nesta pesquisa, munidos de uma pesquisa bibliográfica, debruçaremos sobre o tema da imaginação ética em Ricœur. Os resultados esperados, estão circunscritos às possíveis reflexões sobre a estrutura do imaginário

na obra de Ricœur. As conclusões se encaminham para uma especial atenção à maneira trifásica da compreensão de um texto, a saber: fase das conjecturas em que há o esforço pela captação dos sentidos do texto; fase estrutural, cujo processo de desconstrução se faz notar e fase de compreensão, mediante a qual se busca a apropriação do pensamento do autor com as virtualidades e o mundo que o texto lhe abre, o que possibilita o fomento de um novo texto que ganha vida própria. A pesquisa nos possibilitará entender que, ao possuir ou apropriar-se do que ensina o autor, o seu destinatário adquire um atalho de modo a anular a distância cultural e adquirir uma filosofia da consciência que é ultrapassada através de inúmeras mediações dentre as quais está a chamada via longa da hermenêutica, que, com maestria, faz com que uma melhor compreensão do ser humano se faz presente. Essa vertente hermenêutica na busca de uma percepção totalitária do ser humano se desdobra como uma arqueologia e uma teleologia do sujeito. A visão arqueológica, possibilita uma crítica desconstrutiva da fascinação imediata e das ilusões, capaz de esconder da consciência a seiva do desejo e do involuntário. A visão teleológica faz suceder a esse primeiro momento desconstrutivo, um outro construtivo, onde as articulações tentarão harmonizar os conflitos e as várias intencionalidades mantendo-se, porém, as respectivas identidades constituintes rumo à constituição do sujeito ético que se sabe imaginante, criador e aprendiz maleável.

Palavras-chaves: Paul Ricœur; imaginação; ética; arqueologia; teleologia.

A analogia do reconhecimento em Paul Ricœur com a relação pesquisador-colaborador em pesquisas qualitativas

Letícia Marlene dos Santos Figueiredo (Mestranda em Psicologia)
 Universidade Federal do Pará, UFPA
leticia.figueiredo@ifch.ufpa.br

A temática do reconhecimento proposta por Paul Ricœur é uma nova forma de compreender as relações interpessoais e a ética nas relações humanas. Ao invés de uma luta pelo reconhecimento, ele propõe uma abordagem baseada no reconhecimento mútuo através da economia do dom. Essa visão inaugura uma diferente noção na construção de relações éticas, pautando-se na mutualidade do reconhecer e afastando-se da ideia de uma subordinação de alteridades. A pesquisa qualitativa, por sua vez, é uma vertente investigativa que se presta a abordar questões subjetivas e complexas nas ciências humanas e sociais. Tendo em vista que essa abordagem leva em consideração tanto o pesquisador quanto o colaborador em pesquisa, é um terreno fértil para se pensar a temática do reconhecimento nas relações pesquisador-colaborador. Ao pensar o reconhecimento nas relações, Ricœur parte do pressuposto que o ser de si é relação, admitindo que o encontrar-se com o outro é capaz de provocar um deslocamento, sem necessariamente passar por uma perda de si. Com isso, Ricœur propõe a ideia de dom como uma possibilidade de reconhecimento e uma diferente noção na construção de relações éticas, pautando-se na mutualidade do reconhecer e baseando-se em formas não conflitantes. Na relação pesquisador-colaborador em pesquisa qualitativa, essa abordagem é especialmente relevante, uma vez que essa modalidade de investigação se baseia na intersubjetividade e na compreensão das experiências e vivências dos colaboradores. O pesquisador, por sua vez, é visto como um ser pensante, dotado de percepções e sentimentos que o implicam em sua pesquisa e que deve estar em uma postura de disposição para realizar trocas e gerar novos caminhos compreensivos. O colaborador, do mesmo modo, pode constituir-se e ser atravessado na relação. A entrevista é um dos elementos largamente utilizados na busca de alcançar uma visão compreensiva dos fenômenos e da realidade pesquisada. É na entrevista que o pesquisador se aproxima das vivências e dos sentidos que a

vida concreta assume para seus colaboradores, sendo capaz de então perceber a diversidade de como se dá a experiência para cada pessoa a partir do fenômeno em questão, visto que é o colaborador aquele que mais tem propriedade para falar do vivido. Apesar dos conflitos que possam existir nas relações, uma pesquisa pode ser executada com princípios de liberdade e reconhecimento e não com uma visão de exploração, coisificando o outro, tornando-o apenas uma fonte de dados de um material a ser coletado. Neste sentido, a abordagem do reconhecimento mútuo proposta por Ricœur é uma possibilidade para pensar as relações entre pesquisadores e colaboradores em pesquisas qualitativas. Ao admitir uma postura de reconhecimento, o pesquisador pode então pensar as informações recebidas não como dados de uma fonte a ser simplesmente explorada, mas como vivências singulares de alguém que lhe confiou algo importante de si e que, portanto, se configura como um dom, tal qual a ideia trazida por Paul Ricœur. Com isso, espera-se que esta interrelação realizada neste estudo possa ser frutífera para pensar as relações entre e pesquisadores e colaboradores em pesquisas qualitativas.

Palavras-chave: reconhecimento; Paul Ricœur; pesquisa qualitativa.

Primeiros esboços de uma filosofia política ricœuriana

Manoel Coracy Saboia Dias (Doutor em Filosofia)
 Universidade Federal do Acre, UFAC
manoel.coracy.saboia.dias@gmail.com

Se considerarmos os primeiros esboços dos problemas centrais que atravessam todo o itinerário filosófico de Paul Ricœur, “conscientes de que qualquer periodização pode ser incompleta e arbitrária”, poderíamos delimitá-los a partir de sua *Mémoire* de 1934, publicada em 2017, sob o título “Méthode réflexive appliquée au problème de Dieu chez Lachelier et Lagneau”, até “Le conflit des interprétations. Essais d’herméneutique”, publicado em 1969, e que inclui nesse ínterim, por conseguinte, obras tão relevantes como “Philosophie de la volonté. I. Le volontaire et l’involontaire” (1950), “Philosophie de la volonté. Finitude et culpabilité. I. L’homme faillible” (1960), “Philosophie de la volonté. Finitude et culpabilité. II. La symbolique du mal” (1960), “De l’interprétation: essai sur Freud” (1955) e “Histoire et vérité” (1955), entre outras, tais como, “Karl Jaspers et la philosophie de l’existence”, em colaboração com M. Dufrenne, com prefácio de Karl Jaspers (1947), “Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe” (1948), “L’homme non violent et sa présence à l’histoire” (1949), tradução de “Ideen I” com apresentação e notas do próprio Paul Ricœur sob o título “Idées directrices pour une phénoménologie d’Edmond Husserl” (1950), “Entretiens Paul Ricœur – Gabriel Marcel” (1968), e, também os “textes majeurs”, isto é, artigos, e, “textes mineurs”, assim qualificados seja por causa de seu suporte gráfico (cópias) ou por causa de seu conteúdo (comunicações mais curtas, pronunciamentos etc.), de acordo com a classificação de Frans Dirk Vansina em “Paul Ricœur - Bibliographie Systématique de ses Écrits et des Publications consacrés à sa pensée (1935-1984), A Primary and Secondary Systematic Bibliography (1935-1984)”. Mas, como aceder aos primeiros esboços de uma filosofia política ricœuriana nesse período? Uma das formas de acedê-los encontra-se nos “textes mineurs”, e, especialmente, nos “textes majeurs”, publicados em 1957, tais como, “Le Paradoxe politique”, “Le Essai sur le Mal’ de Jean Nabert”, “La ‘Philosophie Politique’ de Eric Weil”, “État et violence”, nos quais o filósofo esboça em filigrana elementos para uma filosofia política, permitindo-nos compreender as suas preocupações posteriores com maior profundidade. Em seu conjunto, a comunicação procura demonstrar que é possível reconstruir hermeneuticamente esses elementos e propor uma

filosofia ricœuriana da política, essencialmente, plural, aberta, mas não dispersa, e, que se nutre de fontes antropológicas, metafísicas e religiosas.

Palavras-chave: filosofia política; primeiros esboços; leituras; fortuna crítica; Paul Ricœur.

Processo do reconhecimento de Paul Ricœur e analogias no campo da saúde mental

Maria de Nazareth Malcher (PHD em Psicologia/
linha de pesquisa fenomenologia teoria e clínica UFPA)
Adjunta da Faculdade Ceilândia/Universidade de Brasília
malchersilva@unb.br

Na sua última obra o *Percurso do reconhecimento* Paul Ricœur mostrou a imersão subjetiva da identidade, sob três enfoques: como identificação; sobre o si mesmo; e como reconhecimento mútuo, coletivo social. Ou seja, no estudo apresenta a pluralidade da experiência vivida do homem capaz e suas práticas sociais e representações coletivas que dialoga em diferentes cenários do campo da saúde mental. Pretende-se neste estudo abordar a perspectiva desta obra em analogia com a condição da pessoa em sofrimento psíquico e contextos do modelo de reabilitação psicossocial, como processo de saúde, mas também político. O contexto parte das pesquisas das autoras nos cenários do sofrimento psíquico e dos aspectos históricos políticos da reforma psiquiátrica e do modelo de reabilitação psicossocial. Inicialmente apresentaremos as capacidades destacadas por Ricœur, de poder dizer, fazer, narrar e da imputabilidade do homem capaz, que historicamente foi suprimida na vivência das pessoas em sofrimento psíquico e que sofreram o hospitalocêntrismo como único espaço do cuidado. Sugere-se pelo modelo de reabilitação psicossocial a mediação para estas capacidades para práticas sociais e representações coletivas como uma estratégia de formas de reconhecimento. Assim, busca-se o *agency* pontuado por Ricœur como a capacidade de poder agir de cada pessoa por atestação identitária, mas também como agente ético social. Finalmente, conclui-se que a obra *Percurso do reconhecimento* apresenta uma reflexão crítica sobre a essência humana e sobre as ações ontológicas relevantes para uma compreensão fenomenológica necessária para demandas pontuadas pelas diretrizes do modelo de reabilitação psicossocial.

Palavras-chave: reconhecimento; reabilitação psicossocial; sofrimento.

Violência no falar político a partir de Paul Ricœur

Ozeli Oliveira dos Santos (Cientista Política e Mestre em filosofia)
Aluna especial do curso de doutorado-UFPI
Membro do Grupo de Estudo Hermenêutica de Paul Ricœur-UFPI
ozelisantos@hotmail.com

Em uma intervenção proferida na Semana dos Intelectuais Católicos no ano de 1967, Paul Ricœur sustenta em seu ensaio “Violência e linguagem”, que a violência que fala já é uma violência que pretende ter razão, ou seja, ela se situa na órbita da razão e se nega como violência. É diante dessa importante afirmação, que refletimos neste trabalho sobre a violência no falar político na perspectiva de Ricœur. Para a exposição nos fundamentamos no texto “Violência e linguagem” da obra *Leituras I: em torno ao político* (1995) e no capítulo III (A questão do Poder) da obra *História e verdade* (1968). Isto porque para Ricœur, há uma

tomada de consciência, tanto do lado do tirano como do lado do revolucionário, ambos precisam do discurso para alcançar seus objetivos, mesmo em suas contrariedades. Além disso, sustentamos que para o filósofo francês a violência política não se limita nem à tirania nem à revolução, isto é, nem ao sentido e nem à violência. Portanto, visamos entender tal postura, através da ação prática do indivíduo político, dentro da esfera pública em seus processos de instrumentalização. Com essa reflexão, supomos que há um sujeito de linguagem que se elava à violência, porque deixa prevalecer o prazer de dominar o outro, e aquele que opera pelo sentido visando o bem da cidade, no entanto, ainda está sob a pretensão de domínio. Mesmo diante dessa suposição, queremos crer, assim como Ricœur, que essa mesma tomada de consciência possa situar este indivíduo como ser capaz de edificar ações contrárias a violência.

Palavras-chave: estado; político; violência; sentido.

A assimetria e os estados de paz em Ricœur

Paulo Gilberto Gubert (Doutor em Filosofia)
 Universidade Católica de Pelotas, UCPEL
gilbertogubert@gmail.com

O conceito de “assimetria” é abordado por Ricœur – ora explicitamente, ora de forma velada – desde a publicação do artigo *Sympathie et respect: phénoménologie et éthique de la seconde personne*, em 1954, até encerrar com o livro *Parcours de la reconnaissance*, em 2004. Isto denota a proeminência desta questão no pensamento de Ricœur, sobretudo quando de suas abordagens acerca de temas filosóficos clássicos, como a ética, a fenomenologia, a política e a antropologia. Destas abordagens resultam fecundas interpretações, dentre as quais estão a própria questão da simetria e da assimetria, bem como sua inter-relação com os conceitos de reciprocidade, de mutualidade, de alteridade e de reconhecimento. Diante disso, o objetivo deste trabalho é demonstrar que, na filosofia Ricœuriana, estes conceitos são imprescindíveis para a compreensão da problemática que envolve a questão da assimetria originária enquanto fundamento para os estados de paz. Em primeiro lugar, vale mencionar que não é preciso superar a simetria da reciprocidade para que haja reconhecimento em nível ético e jurídico, conforme as experiências de reconhecimento negativo, que podem estar na base dos estados de luta, como demonstra Honneth. Em contraponto à luta por reconhecimento, Ricœur entende que é possível vivenciar, eventualmente, experiências de reconhecimento positivo, por exemplo, em ocasiões cerimoniais, troca de presentes e quando perdoamos ou somos perdoados por alguém. Fundamentalmente, são estas experiências positivas as responsáveis pelo reconhecimento efetivo e não os sistemas éticos e jurídicos, que seguem a lógica da reciprocidade. Qual o problema da lógica da reciprocidade? É a mesma lógica simétrica usada pelo mercado, agonística, isto é, de ação e reação, segundo a qual os acordos de troca sempre antecedem as relações entre as pessoas. Enfim, é por meio da mutualidade das relações, capaz de romper com a lógica de uma simples troca, que se torna possível assegurar um autêntico reconhecimento do outro, porque a mutualidade está fundamentada na singularidade assimétrica e insubstituível do outro. A assimetria, assim, fundamenta a alteridade e o reconhecimento, habilitando-os como os primeiros responsáveis pelo nosso frágil equilíbrio social - os estados de paz, ou as clareiras no horizonte dos conflitos, conforme Ricœur - e pelo não-retorno à violência do estado de natureza. Obviamente que este é apenas o primeiro passo. Se não houverem as instituições que promovam a similitude da ética, da justiça, dos direitos e dos deveres... não poderá haver vida social.

Palavras-chave: reciprocidade; mutualidade; mercado; assimetria; estados de paz.

Imagens na interpretação: Ricœur e uma hermenêutica da imagem

Vinicius Oliveira Sanfelice (Doutor em filosofia - UNICAMP)
sanfelice.vinicius@gmail.com

Obras recentes sobre filosofias da imagem enfatizam os ajustes que a filosofia deveria realizar para pensar a imagem em sua dimensão própria, e a tarefa de reconduzir o *logos* para além da sua dimensão verbal. Alloa (2015), na introdução da antologia que organizou, trouxe perguntas do tipo “o que a imagem quer?” “Não seriam as próprias imagens pensativas?”. Ele elenca dificuldades conhecidas, tais como o predomínio da linguagem nas investigações sobre a imagem enquanto objeto para a filosofia. No nível de conflito entre paradigmas (linguagem versus imagem) o problema das filosofias da imagem seria a demanda por teorias da imagem autônomas à linguagem. Pode-se abordá-lo ontologicamente associando a “recuperação” da imagem ao problema de sua definição – o que uma imagem é? Pode-se ampliar o problema: a imagem quer ser objeto da filosofia? Amplia-se ao questionar a redução da imagem a objeto filosófico – *status* conferido pela filosofia. É possível tratar das imagens fora da legitimação pela filosofia? As imagens prescindem da legitimação exterior? A interpretação não se resume à conferir pertinência filosófica às imagens. Importa para a autonomia das imagens a partir da hermenêutica crítica a tarefa de reunir perspectivas e fazê-las dialogar. Proponho refletir sobre as imagens na hermenêutica de Paul Ricœur a partir da autonomia das imagens de ficção e desse discurso, estendendo um convite às diversas disciplinas tocadas por imagens. A teoria da ficção de Ricœur será a ponte da aproximação à filosofia da imagem, será necessária uma correção de rumo em direção à ênfase na imagem como virtualidade e espaço de possibilidade (exploração das semelhanças entre a “imagem potencial” de Alloa e a “imagem-ficção” de Ricœur). A filosofia da imagem de G. Boehm, que considerava a imagem o ponto de partida para reorientar a hermenêutica em direção à representação visual, é um exemplo importante; assim como a defesa de G. Didi-Huberman de interpretações que incluam uma etapa dialética para captar a visualidade para além do legível e responder aos desafios de uma fenomenologia do olhar. Este trabalho propõe aproximar a hermenêutica de Ricœur com filosofias da imagem (Boehm, 2011; Alloa, 2019; Didi-Huberman, 2020) e pensar a reconstrução possível do modelo textual da hermenêutica de Ricœur e sua inserção no debate sobre o poder visual da imagem – sem dependência nem abandono do seu caráter discursivo.

Palavras-chave: hermenêutica; interpretação; imagem; ficção; visual.

EIXO: FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA

A subjetividade criadora e a convicção: a sabedoria prática entre Husserl e Ricœur

Bruno Fleck da Silva (Doutorando em Filosofia, UFSM)
 Professor Adjunto da Antonio Meneghetti Faculdade, AMF
bruno.fleck@hotmail.com

A problemática ética na contemporaneidade é fortemente marcada pelo entrecruzamento de perspectivas. Em *Lições sobre a ética e teoria geral dos valores* (2009) e *Introdução à ética* (2009), conferências de Edmund Husserl sobre a ética ministradas de 1908 a 1924, encontramos uma posição original do entrecruzamento entre ética *formal* a ética *material*

resultando na lei de *absorção* ou escolha pelo *melhor*. Em *O Si-mesmo como um outro* (1990) e em *O Justo I* (2008) de Paul Ricœur o entrecruzamento é entre uma *ética teleológica* e a *moral deontológica* resultante numa original reapropriação da *phronesis*. Em ambos os autores o plano fixo da moral, de fonte kantiana, é questionado, fazendo assim a evocação do fundo estimativo do sujeito ético diante das solicitações éticas. No primeiro autor isso aparece através da vontade expressa como uma *vontade criadora*, isto é, frente às solicitações conflituosas do mundo, a ipseidade deve recorrer ao núcleo estimativo de si frente a uma resposta pautada na escolha pelo melhor. Com uma temporalidade própria, que é a do agora, a vontade criadora é componente de uma sabedoria prática. Por sua vez, no segundo autor, é através da *convicção* que a dimensão da ipseidade refigura o existir ético do si no mundo. A convicção é a posição de uma consciência que passou pelo desvio evocado pelas nuances da alteridade e se reafirma no plano reflexivo do si e não do eu. Em âmbito ético, é respondendo à alteridade que o si responde a si mesmo enquanto reconhecimento. O estudo, a partir do método de revisão bibliográfica, explora o horizonte de uma ética de cunho fenomenológico-hermenêutico que resulta na centralidade da relação entre consciência e casos difíceis evidenciando seu alcance na contemporaneidade a partir dos autores em questão. Como resultado evidenciam-se duas perspectivas: a) que também no que diz respeito ao tema da ética a filosofia de Ricœur tenciona-se entre a *crítica* e a *continuidade* frente à fenomenologia de Husserl; e b) que em ambos os autores uma ética baseada na singularidade e tragicidade das situações exige uma postura *poiética* como função significativa e responsiva.

Palavras-chave: fenomenologia; ética; sabedoria prática; vontade criadora; convicção.

Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na hermenêutica de Paul Ricœur

Caetano da Providência Santos Diniz (Doutor)
 Professor da Universidade do Estado do Pará, UEPA
 Agência de Fomento: FAPESPA
caediniz@hotmail.com

Paul Ricœur (1913-2005) desenvolve uma fenomenologia hermenêutica enquanto uma teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos. Este estudo tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica de análise do discurso baseada na fenomenologia hermenêutica de Ricœur. Discutiu-se seu conceito de interpretação e suas implicações para a análise do discurso. Não obstante Ricœur tenha enfatizado em sua obra a produção escrita, destacou-se as especificidades das narrativas orais produzidas nos contextos de pesquisa, tendo por base as relações interpessoais entre colaboradores e pesquisadores e elaborou-se um instrumento intitulado “Fluxograma para Análise Fenomenológica do Discurso em Paul Ricœur”, composto de quatro etapas, o recorte do texto, as marcas linguísticas, os sentidos vivenciais e a compreensão hermenêutica, com o objetivo de auxiliar o pesquisador na construção de sentidos tendo como base os discursos produzidos na interação com os participantes em pesquisas qualitativas. O processo se concentra inicialmente no destaque dos enunciados que exemplificam os temas propostos no campo da pesquisa e sobre os quais o pesquisador se debruçará a fim de desenvolver sua análise (recorte do texto), passando para a identificação dos recursos linguísticos utilizados pelos colaboradores para expressar intenções como comportamentos não verbais, estados emocionais, entonação e figuras de linguagem, os quais demarcam as mensagens no texto (marcas linguísticas), seguindo para a análise das interpretações pessoais construídas pelos sujeitos a fim de dar conta de suas experiências (sentidos vivenciais) e culminando com o

desvelamento, por parte do pesquisador, dos sentidos possíveis construídos ao longo das etapas anteriores, cotejando-os de acordo com seu arcabouço teórico, a fim de apresentar um panorama capaz de refletir algo do mundo vivido de seus colaboradores (compreensão hermenêutica). Conclui-se que o trabalho com fluxogramas permite a organização do material coletado e sua visualização gráfica, facilitando o processo de interpretação. Espera-se, com esta proposta, contribuir para produções científicas que se identifiquem com a metodologia da pesquisa fenomenológico-hermenêutica, particularmente aquelas que buscam inspiração no pensamento de Ricœur. Espera-se, igualmente, novas contribuições para o seu aperfeiçoamento e adequação aos seus objetivos.

Palavras-chave: fenomenologia; hermenêutica; fluxograma; sentidos.

O processo do reconhecimento no trabalho de profissionais de saúde mental

Ellen Karoline Silva da Silva (Doutoranda em Psicologia
Fenomenologia e hermenêutica)
Universidade Federal do Pará, UFPA
ellenksds@gmail.com

Maria de Nazareth Malcher (PHD em Psicologia/
linha de pesquisa fenomenologia teoria e clinica, UFPA)
Adjunta da Faculdade Ceilândia/Universidade de Brasília, UNB
malchersilva@unb.br

Pensar a saúde mental requer compreender o entrelaçamento de histórias e conceitos como saúde, doença, loucura e tratamentos. Os profissionais que atuam nesses espaços lidam diretamente com questões relacionadas ao acolhimento, à afetividade nas relações do cotidiano com o outro, ao fluxo de trabalho e às relações solidárias, empáticas e responsáveis. Com relação ao trabalho desses profissionais reflete algumas questões: qual o significado e vivência de atuar com o sofrimento psíquico no trabalho em saúde mental? Esta reflexão permeia sobre o sentido de reconhecimento do outro, apresentada por Ricœur, na qual discorre como aspectos identitários para o si mesmo e mútuo. Nesse sentido, este ensaio refletirá sobre o processo de reconhecimento de Ricœur no cotidiano dos serviços realizado pelos profissionais de Saúde Mental no cuidado com as pessoas em sofrimento psíquico grave. Na relação do cuidado o modelo de reabilitação psicossocial ainda se mostra como um desafio nas práticas dos profissionais, na qual ainda mantêm o enfoque dos signos psicopatológicos ante a vivência e narrativa do sofrimento e contexto da pessoa. Portanto, o espaço do cuidado ainda se constitui pelo não reconhecimento, por meio da coisificação, infantilização na relação do cuidado. Enquanto Ricœur afirma, como aspectos do reconhecimento mútuo, também o processo de luta, no campo da saúde mental o reconhecimento é influenciado pela produção histórico cultural.

Palavras-chave: reconhecimento; saúde mental; profissionais; cuidado.

Esboço de uma filosofia da pessoa em Paul Ricœur

José Vanderlei Carneiro (Doutorado)
Universidade Federal do Piauí, UFPI
vanderleicarneiro@ufpi.edu.br

Por algum tempo, a história da filosofia se esquivou do pensamento e do debate que abarcasse profundamente uma filosofia da pessoa; por muito tempo os teóricos, principalmente das ciências humanas, não se dedicaram à configuração ou reconfiguração da categoria homem. Nem sequer propuseram substituir essa categoria pela noção de pessoa. Como afirma Gadamer: “Tanto em Descartes quanto em Leibniz e John Locke, o conceito de pessoa é definido por meio do conceito reflexivo da autoconsciência sem que o outro seja efetivamente considerado aí” (GADAMER, 2007, 26). Contemporâneo de Gadamer, no período histórico de escrita, Ricœur, dedicou alguns poucos de seus estudos à ideia de pessoa. O objetivo desta pesquisa é investigar, a partir dos escritos de Ricœur e de suas interações filosóficas e hermenêuticas, uma filosofia da pessoa. Para isso, essa investigação passa metodologicamente por algumas exposições no que diz respeito à noção de pessoa, presentes nas seguintes obras: *Histoire et vérité* (1955), *Soi-même comme un autre* (1990), *Lectures 2: La contrée des philosophes* (1992) e *Parcours de la reconnaissance* (2004). Por conseguinte, essa proposta, em consonância com o pensamento de Ricœur, percorrerá a noção da pessoa pela via dos estudos da semântica, da pragmática e do reconhecimento. Outra consideração importante precisa ser destacada no que concerne às abordagens da pessoa pelo autor: o desenvolvimento e a ressignificação deste conceito se configura, em alguma medida, em correlação com o modo pelo qual o filósofo francês trabalha a linguagem, ou seja, um deslocamento conceitual em uma operação articulada entre analítica e hermenêutica. Desta forma, a pergunta seria, o que é pessoa para Ricœur? Porém, verifica-se que essa questão indica múltiplas perspectivas de análises diante da hermenêutica do filósofo. Primeiro, os diversos escritos sobre a noção ‘pessoa’ e, segundo, o desempenho de uma enxertia entre a antropologia, a hermenêutica, a fenomenologia, a psicanálise, a história, o estruturalismo e o existencialismo. Dessa maneira, outras questões se impõem nesta abertura de horizontes, a saber: a) Quais são as abordagens sobre a noção de pessoa desenvolvidas por Ricœur? b) Como se enunciam as abordagens interpretativas acerca da pessoa, segundo Ricœur? c) Qual a contribuição do pensamento hermenêutico de Ricœur para a pessoa? Em decorrência destas questões, pontuamos as seguintes hipóteses: i) vamos distingui-las em abordagens semântica e pragmática no âmbito da linguagem; ii) as abordagens hermenêuticas de Ricœur enunciam-se em torno da linguagem, da ação e da narrativa; iii) a contribuição hermenêutica de Ricœur direcionada à noção de pessoa, via deslocamento epistêmico conceitual que compreende a passagem de uma antropologia filosófica para uma filosofia da pessoa. E nessa passagem de uma antropologia filosófica para uma filosofia da pessoa seguiremos uma redefinição da noção de *homem capaz para a noção de pessoa capaz*.

Palavras-chave: fenomenologia; hermenêutica; homem capaz; pessoa capaz; filosofia da pessoa.

O problema de uma teoria geral do julgamento em Paul Ricœur

Roberto Roque Lauxen (Doutor em Filosofia)
Professor Adjunto na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
roberto.roque@uesb.edu.br

José Carlos da Silva Simplício (Especialista em Filosofia)
Professor Auxiliar na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
jose.simplicio@uesb.edu.br

Esta pesquisa decorre da investigação que realizamos em nosso projeto “Hermenêutica Jurídica em Paul Ricœur”. Ricœur escreveu um artigo em *O justo I* com o título “O ato de julgar”, no qual desenvolve uma fenomenologia deste ato, no *sentido estrito* do ato do juiz no

tribunal, porém, analisando melhor esse conjunto de estudos uma questão nos chama a atenção, pois antes de Ricœur tratar de artigos no qual ele desenvolve seu esboço de contribuição para a hermenêutica jurídica – refiro-me ao artigo “Interpretação e/ou argumentação” – e, em seguida, apresenta sua “fenomenologia” do ato de julgar, no artigo “O ato de julgar”, somos provocados a dar um passo atrás e até mesmo nos perguntar sobre os motivos pelos quais Ricœur antecipa o artigo “Juízo estético e juízo político segundo Hannah Arendt”. Segundo nossa avaliação, esta precedência tem sua razão de ser: Ricœur é provocado, ainda que de modo indireto, através da análise do julgamento político e estético em Hannah Arendt, a pensar sobre o que seria uma teoria geral do julgamento, ao modo kantiano da *Crítica da faculdade do juízo*, ou seja, o *sentido lato* e amplo do julgamento, que está presente não apenas no julgamento jurídico, mas também no julgamento médico, no julgamento do historiador, só para mencionar três áreas nas quais Ricœur desenvolveu esta problemática do julgamento. Ricœur insiste em alguns momentos de sua obra em querer comparar estes atos. Nossa hipótese é que a tentativa de atravessar e compatibilizar este conjunto heterogêneo do julgamento, portanto, a tentativa de superar os jogos de linguagem incomensuráveis destes atos, prospecta uma teoria geral do julgamento. Nossa hipótese é reforçada se pudermos mostrar que esta articulação possui uma relação estreita com a ética e a epistemologia de Ricœur. Segundo nossa avaliação, esta teoria geral do juízo possui, para além de sua *aplicação* nos diferentes campos da medicina, da jurisprudência e da historiografia, uma dimensão ética e epistemológica. A dimensão ética se constitui na relação com o julgamento moral em situação diante de casos difíceis, conforme o estudo nono de *Soi même comme un autre*, ao passo que a dimensão epistemológica se constitui em torno da problemática da atestação. Nossa proposta investiga os interstícios desta construção de uma teoria geral do juízo através de uma perspectiva que parte do ato de julgar, do ato médico e do ato do historiador, ou seja, de uma ética aplicada para sustentá-la numa ética geral e numa epistemologia. Por fim, num projeto mais ambicioso procuramos lançar nossas apostas sobre como podemos confrontar a perspectiva Ricœuriana com a noção de julgamento de Hannah Arendt e em que medida Ricœur daria um acabamento a esta obra inconclusa de Arendt.

Palavras-chave: atestação; ética; Paul Ricœur; teoria do juízo.

EIXO: HERMENÊUTICA E CIÊNCIAS HUMANAS

A hermenêutica Ricœuriana e a análise do Tomo I, da *À la recherche de Proust*.

Adriano Carvalho Viana (Mestre em Filosofia/UFMA)
acarvalho.acv@gmail.com

Ricœur assegura os princípios metodológicos com dupla tarefa da hermenêutica: a reconstrução da dinâmica interna do texto (o seu “sentido”) e a salvaguarda do poder de projetar-se para fora de si, representando um projeto de mundo habitável (a sua referência). Isso no sentido que nele existem também personagens e experiências irreais da narrativa. Na epopeia, na tragédia, na comédia antiga e no romance moderno, o tempo da narrativa está livre dos vínculos os quais requerem a transferência ao tempo cronológico presente. Dessa forma, a narrativa de ficção está desvinculada dos condicionamentos do tempo cronológico. A independência da narrativa de ficção ao tempo cronológico permite explorar recursos do tempo fenomenológico que a narrativa histórica – exatamente pelo seu dever de conectar o tempo da história àquele do mundo – não consegue desfrutar. Sendo assim, história e ficção começam a diferenciar-se, exatamente, pelo modo de responder à fratura aberta pelo

pensamento reflexivo entre o tempo fenomenológico e o tempo cronológico. É em *Em busca do tempo perdido (À la recherche du temps perdu)*, de Marcel Proust, no primeiro volume desta obra monumental, intitulado “*Du Côté de chez Swann*”, que se introduz a questão da memória e não apenas para lembrar, mas sim a relação das lembranças, as quais configuram simulações de experiências vividas através das formas complexas da temporalidade. As experiências de ficção configuradas pelo escritor (*mimesis II*) prospectam um mundo: o “mundo do texto” em que a memória é a temática central. Como metodologia utilizei a hermenêutica Ricœuriana no processo narrativo da memória, demonstrando assim que em Proust ela não é linear e, muito menos, capaz de apontar com precisão as quais etapas da vida infantil ou de transição à vida adulta se faz referência, a quais etapas da vida infantil ou de transição Proust descreve nas primeiras páginas de *Du Côté de chez Swann*, o que poderia ser um jovem que discute à mesa com seus pais e o ilustre convidado *Swann*, vizinho da família e notório homem de conhecimentos ímpares sobre os salões? Qual poderia ser o seu destino na vida adulta? A dúvida entre o incerto e pouco rentável mundo das letras, ou a retidão e as garantias financeiras que a vida burocrática do trabalho burguês oferece. Repentinamente, vê-se obrigado pelos pais a retirar-se da mesa, subir as escadas da casa e ir ao encontro do quarto para dormir. Dessa maneira, no entanto, a essência do tempo nos escapa, pois se o presente não fosse passado ao mesmo tempo que presente, se o mesmo momento não coexistisse consigo mesmo como presente e passado, ele nunca passaria, nunca um novo presente viria substituí-lo. Como resultado desta investigação demonstrei as demarcações de Ricœur e da hermenêutica na pesquisa do mestrado.

Palavras-chave: mimesis; hermenêutica; tempo; narrativa.

Hermenêutica da consciência histórica e forma escola: impactos da ascensão e declínio dos *tópoi* iluministas da educação.

José Sérgio Fonseca de Carvalho (Doutor)
Professor Titular, FEUSP
jfscusp@usp.br

No terceiro tomo de *Tempo e Narrativa*, Ricœur se propõe a traçar as linhas gerais de uma *hermenêutica da consciência histórica* no intuito de nela reencontrar *a dialética do passado e do futuro e a troca entre eles no presente* (TN, p. 354). A partir de uma retomada das categorias metahistóricas de Koselleck e de uma apropriação das reflexões críticas de Nietzsche acerca da cultura histórica, Ricœur irá propor as bases por meio das quais seria possível traçar uma hermenêutica do tempo histórico que o tome como um singular coletivo, sem ceder à tentação hegeliana de uma totalização. Ricœur se propõe, assim, a articular um jogo de remissões no qual o caráter intempestivo do presente – marcado pelo signo da ação – vincula-se dialeticamente com o passado – marcado pelo signo da tradição – e com o futuro – marcado pelo signo do horizonte de expectativas – em uma *mediação imperfeita* e sempre sujeita à reelaboração. Trata-se, pois, de tomar como objeto de reflexão as categorias e operações narrativas por meio das quais a *condição histórica* da existência humana pode se transformar em *consciência histórica*. Uma consciência sujeita à variabilidade histórica, uma vez que a relação que o presente estabelece com as dimensões da experiência pretérita e os horizontes do porvir são sempre cambiantes e mutuamente condicionantes, pois é o presente interpretante que interroga tanto o passado como o futuro. Embora figurem como uma espécie de conclusão de seu percurso reflexivo, as reflexões sobre a hermenêutica da consciência histórica realizadas por Ricœur configuram um rico material de pesquisa para outros domínios do campo das humanidades. Na comunicação ora proposta nós as tomaremos como ponto de

partida para um exercício de pensamento cujo foco será os efeitos da consciência histórica de uma cultura sobre as relações que se travam entre as diferentes gerações que habitam um mesmo mundo. Nossa hipótese é que a criação da *forma escola* como modalidade específica de transmissão intergeracional de um legado material e simbólico de realizações humanas é solidária das transformações que o iluminismo opera na relação que o presente estabelece com as dimensões da experiência e da expectativa. E, por essa razão, o declínio dos três *tópoi* que marcam a consciência histórica do iluminismo – tempos novos, aceleração da história e controle da história – tem tido um impacto decisivo nos desafios que os educadores hoje enfrentam para iniciarem as novas gerações em um mundo comum cuja existência transcende, tanto no passado como no futuro, cada vida individual que nele adentra.

Palavras-chave: consciência histórica; filosofia da educação; forma escolar; hermenêutica e educação.

Fundamentalidade e Legitimidade. O Direito como Experiência (Historicidade da Positivção) e Legítimas Expectativas de Normatividade (Comunicação Normativa). Uma abordagem do Direito, da Justiça e da Democracia a partir da Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricœur.

Leonardo de Mello Caffaro (Bacharel em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ; Mestre em Direito pela Universidade Veiga de Almeida, UVA; Procurador Federal pela Advocacia Geral da União, AGU; Instrutor da Escola da Advocacia Geral da União, AGU) leonardocaffaro@gmail.com

O objetivo deste trabalho é defender que a noção de Fundamentalidade, como razão de base de uma identidade histórica mediada pela Constituição, passa pela análise da Legitimidade como reconhecimento a partir da perspectiva dos Direitos Humanos e da Democracia. As noções de “identidade narrativa” histórica e de “reconhecimento” são conceitos extraídos do pensamento de Paul Ricœur. Além do mais, procura-se defender o Direito como Experiência e Comunicação Normativa, refletindo a abordagem do confronto no pensamento de Ricœur entre as filosofias de Hans-Georg Gadamer, baseada na hermenêutica das tradições, e de Jürgen Habermas, baseada na crítica das ideologias. Quanto aos objetivos, o trabalho seguirá o eixo teórico fenomenológico e hermenêutico de Ricœur e sua perspectiva crítica, na análise das noções de Direito, Justiça e Democracia, com base nos estudos mais antigos de Ricœur e em seus últimos estudos sobre a questão do Justo. Procurar-se-á, como pretendeu Ricœur, dar seus direitos ao Direito e fazer justiça à Justiça, sem desconsiderar a Democracia no campo da Filosofia Política no qual essas noções eram tratadas, apesar de Ricœur destacar que o Direito e a Justiça sempre tiveram abordagens específicas no campo da Filosofia, destacando o papel de Kant e Hegel, sem desconsiderar a filosofia clássica, a ponto de Ricœur falar, com Eric Weil, de um kantianismo pós-hegeliano. Quanto à base metodológica, destacamos que, da questão da Fundamentalidade, passaremos a refutar a sua base exclusivamente racional e o fundamentalismo religioso, bem como o conflito entre natureza e regra que Ricœur desenvolve com o neurocientista Jean-Pierre Changeux no livro *O que nos faz pensar?*, reportando-se às questões simbólicas de *A Simbólica do mal*, em que Ricœur desenvolve as noções de “finitude” e “culpabilidade” a partir da falibilidade humana. Procuraremos defender as posições do pensamento de Ricœur que articula crítica e convicção a partir das noções de identidade pessoal e narrativa e a busca por reconhecimento. Os resultados que procuramos alcançar serão fazer a conexão do pensamento filosófico de Ricœur com a Filosofia do Direito e o Direito, de maneira a inovar clássicas noções de juridicidade, consagradas no pensamento jurídico, a partir da hermenêutica crítica de Ricœur. A discussão vai desenvolver a

fenomenologia-hermenêutica de Ricœur e sua repercussão na questão das dimensões dos Direitos Humanos Fundamentais, debatendo questões como referência e significado, explicação e compreensão, as figuras do imaginário social como a ideologia e a utopia, o conflito entre hermenêutica das tradições de Gadamer e a crítica das ideologias da Escola de Frankfurt, especialmente no pensamento de Habermas, para ao final fazermos considerações sobre a obra *O Justo*. A conclusão será colocar o justo entre o legal e o bom, como faz Ricœur, buscando reflexões a partir do Justo (em seu sentido substantivo) em diversos pontos e suas implicações no Direito, abordando especificamente a epistemologia jurídica de Paul Ricœur, calcada no par Interpretar e/ou Argumentar que, de certa forma, reflete toda problemática anteriormente exposta, explicitando seu forte conteúdo Ético que hoje vai ganhando certa autonomia e interdisciplinaridade.

Palavras-chave: identidade; reconhecimento; hermenêutica; crítica; justo.

Distanciamento hermenêutico e ideologia subjacente na pesquisa em Ciências Humanas

Pedro Henrique Cristaldo Silva
 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS
pedro.h.c.silva@ufms.br

A pesquisa em ciências humanas é atravessada por diferentes fatores para sua justificação científica e relevância social. Várias questões metodológicas e desafios epistemológicos são levantados quando os pesquisadores estão desenvolvendo sua investigação de problemas filosóficos, acontecimentos históricos ou fenômenos sociais e psíquicos. Uma das dificuldades mais recorrentes nas pesquisas em ciências humanas é desenvolver uma aproximação entre a fundamentação científica e a investigação de interesse pessoal. Porém, existe um meio incontornável tanto para a aprendizagem quanto para o ensino de todos os pesquisadores, e este é o *texto*. É diante do texto que o pesquisador compreende, explica e, também, se conhece. Em seu artigo *Ciência e ideologia* (1972), Paul Ricœur (1913-2005) investiga as dificuldades da compreensão do fenômeno ideológico em suas diversas dimensões. Sua solução final é encarar tanto ciência quanto ideologia enquanto esferas dialeticamente relacionais. Já em seu ensaio, *A função hermenêutica do distanciamento* (1975), o autor explora o problema hermenêutico da interpretação textual diante da diferença metodológica entre o *explicar* e o *compreender*. Sua organização se dá em cinco momentos diferentes sobre texto, discurso e compreensão. Para investigarmos como o pesquisador em ciências humanas pode aproximar uma fundamentação científica de uma investigação de interesse pessoal em sua pesquisa, apresentaremos a relação dialética entre ciência e ideologia e a função do distanciamento hermenêutico diante do texto, concebido como um meio de objetividade metodológica diante da diferença entre o *explicar* e o *compreender*. Nossa proposta é de uma metodologia hermenêutica para a pesquisa acadêmica em ciências humanas. Nosso objetivo é discutir as possibilidades da objetividade no trabalho de pesquisa em ciências humanas a partir de uma abordagem filosófica hermenêutica Ricœuriana. Nossos resultados esperados são as contribuições epistemológicas ao pesquisador em ciências humanas, diante da dificuldade entre a fundamentação científica e o impulso ideológico. A discussão se baseia nas reflexões da hermenêutica crítica e textual da filosofia de Paul Ricœur presente na obra *Interpretação e Ideologias* de 1990, traduzida para o português por Hilton Japiassu (1934-2015).

Palavras-chave: ciências humanas; hermenêutica; historicidade; ideologia; distanciamento.

A obra *Temps et récit* de Paul Ricœur é atravessada por uma teoria do romance?

Rita de Cássia Oliveira (Doutora em Filosofia)
 Universidade Federal do Maranhão, UFMA
rc.oliveira@ufma.br

A pesquisa trata de averiguar se a obra do filósofo Paul Ricœur (1913 – 2005) *Temps et récit* é atravessada por uma teoria do romance, conforme pensada pelo historiador da literatura e filólogo Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) em *Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance*. Isto porque encontrei em *Temps et récit* elementos identificados como pertinentes a uma teoria do romance, principalmente nos tomos I e II da referida obra, e tais elementos são colocados em destaque quando Ricœur trata da análise do tempo nas narrativas de ficção: *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf, *A montanha mágica*, de Thomas Mann e *Em busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Para tanto, coloco em diálogo Paul Ricœur e Mikhail Bakhtin com o objetivo de cruzar as referidas obras para identificar se quando Ricœur trata da narrativa de ficção encontro o estilo, o plurilinguismo e a interferência do contexto social e histórico, atestados por Bakhtin como características fundamentais de uma teoria do romance. Utilizo a hermenêutica filosófica crítica para análise e interpretação. Porém, não me deterei ao estudo dos romances empreendido por Ricœur, mas na obra *Um Deus passeando pela brisa da tarde*, do escritor português contemporâneo Mário de Carvalho, por exigir do leitor conhecimentos sobre o estilo, a temporalidade histórica e social do contexto em que se passa a narrativa que, mesmo sendo uma obra escrita no final do século XX, tem como contexto o século II a. C. As teorias cruzadas de Ricœur e Bakhtin dão condições à aplicação da hermenêutica filosófica crítica ao romance de Mário de Carvalho por possibilitar a discussão sobre se Ricœur ao definir como pertencentes à narrativa o tempo, a intriga e a *mimesis* revela a existência das características conforme pensadas por Bakhtin a uma teoria do romance. Pretendo empreender uma discussão sobre se tais características, como pensadas por Bakhtin, encontram-se em Ricœur em *Temps et récit* para obter como resultado a confirmação da minha teoria de ser a obra *Temps et récit* atravessada por uma teoria do romance, mesmo não sendo essa a pretensão de Ricœur. A pesquisa encontra-se em andamento.

Palavras-chave: Paul Ricœur; Mikhail Bakhtin; hermenêutica; narrativa de ficção; teoria do romance.

Hermenêutica e reconhecimento de si: considerações sobre a experiência de leitura e fruição artística no contexto da formação escolar

Thiago de Castro Leite (Doutor em Educação)
 Conservatório de Tatuí
thiago.castroleite@gmail.com

O presente trabalho procura tecer uma reflexão sobre os impactos de uma experiência de leitor/espectador no contexto da formação escolar. Para tanto, recorre-se às discussões de Paul Ricœur acerca da intersecção do mundo do texto (obra) e do mundo do leitor (espectador), procurando evidenciar os movimentos hermenêuticos realizados por aqueles que se dedicam à tarefa de fruir uma criação artística. Ademais, vislumbra-se, também, examinar o quanto a escola pode se constituir como espaço-tempo privilegiado para que um sujeito possa assumir o papel de leitor/espectador e, ao fazê-lo, configurar (e reconfigurar) a compreensão que possui de si. Em sua atividade, o leitor/espectador se lança ao exercício de interpretação de uma obra com uma pré-compreensão acerca do mundo – que, para Ricœur, constitui-se como

princípio para toda e qualquer criação poética – e, na medida em que avança nesse ato, pode legitimar, refazer ou transformar suas expectativas. O encontro de seu universo simbólico com o da obra permite-lhe uma espécie de decifração e ressignificação da sua própria trajetória de vida. Movimento que se dá em face de uma dupla desapropriação: num primeiro momento, a partir do despojamento de si diante da obra e, num segundo momento, a partir do deslocamento de sua própria identidade, que se abre a novas possibilidades de ser, de dizer e de agir no mundo. A despeito do caráter incontável de um encontro entre um leitor/espectador e uma obra poética – e da possibilidade de, ao acaso, um alguém ser movido pela intensidade de uma experiência de leitura –, no contexto escolar, há um esforço contínuo no sentido de estruturar mediações que ampliem as ocasiões desses encontros formativos. E esse esforço guarda razão no fato da escola ter por vocação a inserção das novas gerações em um legado comum, cultural e simbólico, composto pelas obras, atos e palavras que constituem o mundo – como bem assevera Hannah Arendt. É nesse contexto, por exemplo, que um passado interpretado pode ser reavivado por um presente interpretante e ganhar novos sentidos, na medida em que no ato reconfigurador da interpretação, as dimensões de passado, presente e futuro acabam por se articular e interferem, diretamente, umas nas outras. Ou seja, no processo de reinterpretação do passado a partir de um presente interpretante, ambos podem ser ressignificados, bem como as próprias expectativas com relação ao futuro. É exatamente esse movimento que torna possível, pelo sujeito, a reconfiguração da compreensão que possui de si. Portanto, em face de tais considerações, o que se evidencia são pontos de intersecção entre aquilo que pode ocorrer na formação escolar – no esforço para que as crianças e jovens se apropriem do mundo legado pelas antigas gerações – e o processo de reconhecimento de si, oportunizado pelos movimentos hermenêuticos inerentes à fruição de uma obra poética.

Palavras-chave: hermenêutica; reconhecimento de si; experiência de leitura; fruição artística; formação escolar.

O Ensino de filosofia: reflexões a partir do paradigma da tradução

Thiago Luiz de Sousa (Doutorando em Filosofia)
 Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
thiago-luiz-sousa@hotmail.com

Em um dos seus últimos escritos, Domenico Jervolino nos convida a pensar a tradução como um paradigma, que abarca outros dois paradigmas, o do símbolo e o do texto, que em seu conjunto são capazes de ser uma bússola para compreendermos a obra de Paul Ricœur. A tradução se mostra um paradigma frutífero para pensar a obra Ricœuriana, uma vez que nela encontramos temas como o “eu” e o “outro”, o estranhamento e o acolhimento, a pluralidade humana, entre outros. Para além da obra Ricœuriana, estes temas também aparecem quando refletimos sobre questões didáticas, em especial, as questões ligadas ao ensino de filosofia em um contexto interdisciplinar. Podemos encontrar em Ricœur lições importantes sobre o ensino de filosofia, como nos mostra Novaski, e horizontes frutíferos que envolvem tanto a filosofia quanto outras ciências humanas; também encontramos aportes para enfrentar grandes problemas filosóficos atuais, como nos vem mostrando Fernanda Henriques em seus trabalhos sobre a questão do feminino na história da filosofia e Ernest Wolff, que atia o conflito das interpretações na obra Ricœuriana para pensar questões “periféricas” como “centrais”. Se há o paradigma da tradução subjacente a todos esses desenvolvimentos, refletir e elucidar este paradigma parece ser de grande valia, especialmente para o ensino de filosofia. Para isso, a presente comunicação pretende trilhar o seguinte caminho: (i) apresentar os três paradigmas da obra Ricœuriana, do símbolo, do texto, e, em especial, o da tradução; (ii) apresentar

panoramas de trabalhos que a partir da obra Ricœuriana envolvem a problemática do ensino de filosofia, a saber, os trabalhos de Novaski, Henriques e Wolff; (iii) como todos esses trabalhos citam, indiretamente, através do conflito das interpretações, o paradigma do texto, avaliaremos os prós e contras da passagem para um paradigma da tradução. Todos esses contextos e etapas terão como fio condutor a seguinte questão: como ensinar filosofia? Paul Ricœur, além de filósofo, era professor e tradutor. Em sua filosofia, essas figuras distintas se encontram e produzem frutos. Nossa aposta é dupla: cremos que com esses desvios, somos capazes de pensar o “acolhimento” e, ao mesmo tempo, o “estranhamento” do outro no processo de filosofar e que os caminhos Ricœurianos atuais, construídos nos últimos tempos por diversos pesquisadores, são muito frutíferos para pensar o ensino de filosofia.

Palavras-chave: filosofia; ensino de filosofia; tradução; Paul Ricœur.

EIXO: IDENTIDADE, RAÇA E GÊNERO

Para uma hermenêutica crítica da tradição de mulheres em literatura

Erica Martinelli Munhoz (Doutoranda)
Instituto de Estudos da Linguagem, IEL, Unicamp / CNPq
ericammz@hotmail.com

A aproximação entre diversas teorias feministas e o pensamento do filósofo Paul Ricœur tem sido objeto de exploração inovadora, a exemplo da publicação da coleção *Feminist Explorations of Paul Ricœur's Philosophy* (2016), na qual Damien Tissot repensa a ideia de universalismo a partir de Ricœur, almejando forjar um universalismo inclusivo e dinâmico, que possa contribuir com o pensamento feminista, e ultrapassar suas características excludentes. Annlaug Bjørnsnøs, por sua vez, aproxima proposições éticas fundamentais de Simone de Beauvoir a preceitos Ricœurianos, mostrando a produtividade do diálogo entre ambos os filósofos para a renovação das teorias feministas. Quanto às perspectivas literárias, o artigo “A hermenêutica crítica de Paul Ricœur posta à prova da imaginação feminina”, de Cristina Henrique da Costa (2015) aponta a hermenêutica crítica de Ricœur como potencial aliada da literatura de mulheres na sua dupla tarefa de diálogo crítico com a tradição, de um lado, e “libertação do fado das teorias invasivas”, de outro. Na esteira dessa tarefa de diálogo já avançada, o presente trabalho propõe uma revisão da seção “Hermenêutica e crítica das ideologias” do livro *Do Texto à Ação* (1978), com o objetivo de compreender a hermenêutica crítica de Paul Ricœur enquanto ferramenta que poderá dar subsídios à ultrapassagem dialética de conflitos ainda não resolvidos na história da crítica literária feminista, em particular o problema da “tradição de mulheres” na literatura. A crítica literária feminista se inicia com um movimento de crítica ideológica à tradição masculina, na sua primeira geração. Em seguida desenvolve, com a *ginocrítica* nos anos 70, um viés hermenêutico, de recuperação da ideia de tradição como valor positivo, por meio da ideia de “tradição feminina”. Retoma, em seguida, nos anos 80, o seu caráter crítico, identificando a ideia de “tradição feminina” com a tradição enquanto conceito reducionista e opressivo que se quer combater. Esse conflito histórico tem paralelos com a oscilação entre as duas formas de compreender a tradição que se dividem, segundo Ricœur, entre dois gestos filosóficos básicos: a hermenêutica e a crítica das ideologias (RICŒUR, *Do texto à Ação*, 1978, p. 329). Trata-se do conflito representado pelo pensamento de Gadamer e Habermas. Para a hermenêutica de Gadamer, a tradição é apreciada positivamente, enquanto a crítica das ideologias tem dela uma “abordagem duvidosa”, e a entende como “apenas a expressão,

sistematicamente distorcida, da comunicação sob os efeitos de um exercício não reconhecido da violência.” (RICŒUR, 1978, p. 330). Esses dois polos precisam, segundo Ricœur, se reconciliar na proposta de uma hermenêutica crítica. Se a hermenêutica crítica de Ricœur aponta para a necessidade de compreensão da dialética entre o gesto de suspeita, ao qual a crítica das ideologias se filia, e o gesto da recoleção de sentido, do lado da hermenêutica, talvez seja possível, a partir da hermenêutica crítica, pensar a tradição na crítica literária feminista ultrapassando a dicotomia histórica entre idealização de uma “tradição feminina” e a redução da literatura escrita por mulheres à leitura particularizada, sem recurso ao diálogo construtivo, impossibilitada de formar-se enquanto coletividade, e enquanto tradição.

Palavras-chave: hermenêutica crítica; crítica literária feminista; tradição.

Narrativas fora do armário: a identidade sexual de homens gays na cidade

Rafael Zanata Albertini (Mestre em Psicologia - UCDB e Mestrando Prof-Filo - UFMS)
Bolsista CAPES
rganataalbertini@gmail.com

A metáfora popular da “saída do armário” (*coming out of the closet*) indica um processo de descoberta e revelação da orientação sexual ou da identidade de gênero e trata-se de uma experiência recorrente e significativa nas minorias sexuais. Alguns modelos foram propostos por pesquisas acadêmicas para entender o fenômeno, mas são alvos de críticas devido a tendências lineares ou generalizantes, que se arriscam a ver todo processo de assunção de uma identidade não-heterossexual como sendo traumático ou romântico demais. Para lançar mais luzes à questão, o presente estudo tem por objetivo investigar os processos de reconhecimento da identidade gay em uma capital brasileira a partir de entrevistas narrativas com quatro participantes entre 21 e 42 anos. Trata-se de um estudo no horizonte da Psicologia e de natureza qualitativa, que desenvolve uma abordagem narrativa segundo a perspectiva fenomenológico-hermenêutica de Paul Ricœur, a qual é utilizada tanto como método de pesquisa quanto como uma referência teórica para analisar a questão do reconhecimento. Em comum com outros estudos, as narrativas dos participantes colocam desafios específicos para cada fase da vida na descoberta e na compreensão da sexualidade. Foi unânime entre os participantes a identificação de uma orientação sexual “diferente” na infância, sucedida pela elaboração da identidade sexual e pessoal a partir da adolescência, e a experiência de “sair do armário” para outras pessoas (como familiares e amigos) na vida adulta. Os relatos também apresentam o ambiente doméstico como um espaço crucial, frequentemente marcado por contradições de sentimentos e de atitudes – sendo epicentro ou abrigo de homofobia, por exemplo. A reflexão que Ricœur desenvolve em *Percurso do reconhecimento* mostra-se oportuna para compreender o fenômeno ao destacar os vários sentidos do ato de reconhecer, desde a voz ativa até a voz passiva (reconhecer algo, reconhecer a si mesmo e ser reconhecido por outrem). É possível notar que as narrativas dos participantes apresentam a “saída do armário” como um processo de conhecimento de seus afetos e desejos, de reconhecimento de sua identidade sexual perante si mesmos, e, finalmente, de busca de igual reconhecimento nas relações interpessoais. Diferente da busca por modelos, a perspectiva narrativa adotada destaca que cada trajetória implica processos de reconhecimento únicos – semelhantes, mas nunca iguais aos de outrem – e com diferentes matizes, que interagem com fatores contextuais para produzir bem-estar ou sofrimento psíquico nos sujeitos.

Palavras-chave: homossexualidade masculina; minorias sexuais e de gênero; homofobia; narrativa; Paul Ricœur.

EIXO: MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE BRASILEIRA

Entre o horizonte de expectativas e o espaço de experiência: o passado como “tradição viva” na escola brasileira.

Anita Pompéia Soares (Mestra em educação)
Universidade de São Paulo, USP
anita.soares@alumni.usp.br

Ao final de *Tempo e narrativa* Paul Ricœur defende que o horizonte de expectativas futuras, de um povo ou indivíduo, depende da relação que se estabelece com o espaço de experiências pregressas. O autor sugere, então, que a imaginação de outras realidades vindouras dependeria da reabertura do passado a fim de reavivar nele “potencialidades irrealizadas” (RICŒUR, 2019, p. 368). Essa atitude levaria à ação de tratar o passado como “tradição viva”. Num país como o Brasil, marcado irremediavelmente pela exploração colonial, as iniciativas propostas por Ricœur sugerem consequências bastante distintas do que se poderia supor no cenário francês, em que tais propostas se originaram. O objetivo desta comunicação é levar adiante um exercício de pensamento sobre os impactos que a afirmação do autor pode ter para a reflexão sobre a instituição escolar, na contemporaneidade brasileira. O passado adentra a escola por meio da escolha curricular e esta, por sua vez, opera um tipo de tradução da forma que nós, enquanto povo, lidamos com nossa própria história. Nesse sentido, uma categoria advinda da obra de Ricœur, que soa proveitosa a esta comunicação, é a noção de identidade narrativa, que pode ser tanto de um indivíduo quanto de um povo. No âmbito escolar brasileiro, as leis 10.639 (BRASIL, 2003) e 11.645 (BRASIL, 2008) afirmaram a obrigatoriedade das escolas abordarem a história e cultura afro-brasileira e indígena. A pergunta que fica para discussão indaga em que medida tais leis têm o potencial de apontar no sentido sugerido por Ricœur, que leve ao estabelecimento de uma relação com nosso passado enquanto tradição viva. Em termos metodológicos, esta comunicação toma por base o que o autor faz em *Existência e hermenêutica* (RICŒUR, 1988), afirmando a possibilidade de adotar a fenomenologia e a hermenêutica como métodos; por isso, buscamos, tal como apontado pelo autor no texto em questão, realizar uma leitura atenta dos textos selecionados, voltada à especificidade dos conceitos adotados. Por tratar-se de uma comunicação de cunho filosófico, sobre a educação e a obra do autor, os resultados e conclusões derivam, em parte, da discussão proporcionada pelo próprio Congresso. Como conclusão preliminar, a ser colocada a exame dos demais pesquisadores, fica a percepção de que a proposta de Ricœur, transposta ao contexto escolar, parece indicar a necessidade de uma mudança de paradigma sob o qual se estruturam os recortes curriculares, que não pode ser atingida pela aplicação de um ou dois textos legais.

Palavras-chave: tradição viva; identidade narrativa; currículo.

O sofrimento do exílio: limites e potencialidades da categoria Ricœuriana de sofrimento

Ligia Zambone Moreira (Mestranda em Educação/USP)
ligia.moreira@usp.br

Durante os anos de 1964 a 1985, o Brasil viveu um de seus períodos mais obscuros, sob o jugo do regime ditatorial cívico militar. Neste período, centenas de brasileiros foram sequestrados, torturados, assassinados, e muitos seguem desaparecidos. À ausência de

compilações estatísticas rigorosas sobre militantes presos, torturados, assassinados e desaparecidos, se soma a falta de informações sobre as pessoas forçadas ao exílio por conta do regime ditatorial - quantos foram? Para onde foram? Puderam voltar ao seu próprio país? – são perguntas que seguem sem resposta. O sujeito exilado vê-se obrigado a afastar-se de sua terra natal, de seu espaço de experiências e memórias, para expor-se ao desconhecido de um novo país, em busca de proteção. Este processo de desterro, muitas vezes precedido por experiências de prisão e tortura física e psicológica, pode implicar em um agudo sofrimento ao sujeito exilado. A compreensão destas experiências de exílio e do sofrimento decorrente deste, passa pela retomada e re-elaboração da memória desses sujeitos, pela busca de mais informações que possam clarear esse episódio obscurecido de nossa história; mas, também, pela tentativa de compreensão desse sofrimento decorrente do exílio enquanto experiência humana. Para tentar compreender esta dimensão do sofrimento do exílio, buscamos apoio nas categorias do sofrimento apresentadas por Paul Ricœur em uma conferência proferida em um colóquio organizado pela Associação Francesa de Psiquiatria em Brest em 1992, intitulada *O Sofrimento não é a dor*. Na conferência em questão, Ricœur propõe uma reflexão sobre as formas como o sofrimento pode ser representado e compreendido enquanto experiência humana, se afastando de uma concepção nosográfica do sofrer. Ricœur propõe uma organização do sofrimento em três eixos correlacionados, nomeadamente o eixo da relação *si-outro*, o eixo do *agir-padecer*, e um terceiro eixo transversal aos anteriores, em que o autor busca um *sentido* para o sofrimento. As categorias propostas pelo autor, nesta conferência, trazem importantes elementos para pensarmos o sofrimento enquanto experiência, mas parecem apresentar limitações para pensar e compreender o sofrimento de pessoas exiladas pela ditadura brasileira – como compreender a experiência de exílio, por muitas vezes intimamente ligada com uma violência e dor físicas, quando as categorias de Ricœur partem de uma distinção e afastamento entre dor e sofrimento? Podemos utilizar as capacidades propostas por Ricœur – do poder dizer, poder fazer, poder narrar-se e considerar-se a si mesmo como um sujeito moral – para compreender a experiência de exílio de crianças forçadas ao desterro em decorrência das atividades políticas de seus pais? Em que medida e de que formas as categorias de Ricœur para o sofrimento nos permite compreender e circunscrever o sofrimento decorrente do exílio? Por meio da análise hermenêutica de testemunhos de exilados da ditadura brasileira, traçaremos as potências e limitações das categorias de sofrimento propostas por Ricœur para compreender o fenômeno do sofrimento do exílio.

Palavras-chave: sofrimento; exílio; ditadura; memória.

O retorno do acontecimento: Uma análise de Paul Ricœur sobre a historiografia francesa do Século XX

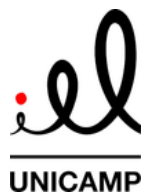
Rodrigo Augusto de Souza (Doutor em Educação / UFPR)
 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
rodrigo.augusto@ufms.br

Este trabalho enfoca a apropriação e a interpretação realizadas por Paul Ricœur (1913-2005) a respeito da noção de acontecimento na historiografia francesa do século XX, especialmente na obra de Fernand Braudel (1902-1985). Ricœur (2010a; 2020) confrontou-se com este tema central do debate historiográfico francês contemporâneo. Em particular, deteve-se na análise da obra e das ideias de Braudel, a saber: *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II, Escritos sobre história e Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII: o tempo do mundo* (v. 3). Mostrou-se um profícuo leitor de Braudel, pertencente à

segunda geração da chamada escola dos *Annales*. Diante disso, concentrou-se num aspecto fulcral da sua obra: o tempo histórico. Seu trabalho é, simultaneamente, de apropriação e de crítica da abordagem da Nova História, principalmente em sua vertente braudeliana. O esforço de Ricœur, ao investigar a monumental obra de Braudel, consiste em tentar mostrar que o historiador forjou uma noção de acontecimento (DOSSE, 2013; 2017) que permite a variação e a mobilidade do tempo histórico. Esse aspecto ignorado da sua obra se contrapõe à noção de longa duração, pela qual Braudel ficou reconhecido. O foco deste estudo converge para a última parte do volume 1 (a intriga e a narrativa histórica) de *Tempo e narrativa*, de Paul Ricœur (2010a), em sua edição brasileira. Depois de investigar a “questão do estatuto epistemológico do tempo histórico relativamente à temporalidade da narrativa” (RICŒUR, 2010, p. 339), o filósofo apresentou um novo elemento à sua análise: o acontecimento. O acontecimento é a mudança radical do regime de historicidade, na formulação de François Hartog (2013). Para Ricœur (2010a), seguindo as formulações de Braudel (1983), a mudança estrutural do tempo histórico produz o acontecimento. Braudel mostrou em sua obra toda a complexidade desse processo. Ricœur elevou a narrativa histórica a outro patamar ao considerar que esta também pode produzir e motivar o acontecimento. Entre os historiadores franceses citados por Paul Ricœur estão Paul Veyne, Pierre Chaunu, Philippe Ariès, Ernest Labrousse, Georges Duby, Jacques Le Goff e François Furet. O diálogo privilegiado foi estabelecido com a tradição historiográfica de *Annales*. Mas Ricœur afrontou temas sensíveis para a chamada Nova História: *a noção de acontecimento e a história política*, reabilitando-os no campo da história.

Palavras-chave: acontecimento; história; historiografia francesa; Paul Ricœur.





PPG TEORIA E HISTÓRIA
LITERÁRIA - UNICAMP



PYXYYS

